



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Houses na comunidade ballroom em Portugal

Um estudo sobre famílias escolhidas e expressão de género

Mafalda Filipa Rodrigues Veiga

Mestrado em Sociologia

Orientadora:

Doutora Sandra Palma Saleiro, Investigadora Integrada do CIES-IUL,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

Departamento de Sociologia

Houses na comunidade ballroom em Portugal

Um estudo sobre famílias escolhidas e expressão de género

Mafalda Filipa Rodrigues Veiga

Mestrado em Sociologia

Orientadora:

Doutora Sandra Palma Saleiro, Investigadora Integrada do CIES-IUL,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

Agradecimentos

Antes de mais, quero agradecer às pessoas que partilharam um pouco da sua experiência comigo durante as entrevistas e que tornaram possível a realização desta pesquisa e desta dissertação. Quero agradecer igualmente à professora Sandra Saleiro, por toda a orientação, paciência e incentivo.

Resumo

A presente dissertação propôs-se a investigar a importância das famílias escolhidas na vida de pessoas LGBTI+ e para a viabilização de expressões de género não-heteronormativas, tendo como exemplo as *houses* na comunidade *ballroom* em Portugal. As famílias escolhidas e *ballroom* têm sido, até à data, pouco estudados no contexto português, sendo esta dissertação relevante para a produção de conhecimento sobre estas duas temáticas. A pesquisa adota uma metodologia qualitativa, com recurso a entrevistas semiestruturadas a pessoas da comunidade *ballroom* em Portugal, complementadas pela observação direta, em *balls* e conversas abertas.

O estudo contribui para a compreensão das estruturas das *houses* em *ballroom*, evidenciando a existência de uma hierarquia familiar, que surge não com base na idade, mas sim na experiência e admiração na comunidade, e de uma hierarquia de género, em que *femme queens* estão no topo da pirâmide. Os resultados demonstram que as pessoas entrevistadas apresentam definições abrangentes de família, não se limitando ao parentesco biológico e legal. A família escolhida surge como um lugar de pertença, garantindo apoio a nível emocional e, por vezes, material. A manutenção destas relações é feita de maneira consciente, sendo dada especial importância à realização conjunta de atividades banais do quotidiano e ao cuidado bidirecional, que permite criar uma rede de apoio. Relativamente à expressão de género, *ballroom* é sentido como um local onde existe mais liberdade para ser e para explorar questões de género. A influência da *house* na expressão de género surge como consequência da criação de um lugar seguro e livre de julgamento, que incentiva a experimentação.

Palavras-chave: LGBTI+, Famílias Escolhidas, Parentesco, Expressão de Género, Comunidade Ballroom

Abstract

This dissertation set out to investigate the importance of chosen families in the lives of LGBTI+ individuals and in enabling non-heteronormative gender expressions, taking as an example the houses in the ballroom community in Portugal. Chosen families and ballroom culture have not been sufficiently researched in the Portuguese context, making this dissertation relevant to the production of knowledge on these two topics. The research adopts a qualitative methodology, using semi-structured interviews with people from the ballroom community in Portugal, complemented by direct observation at balls and open talks.

This study contributes to the understanding of ballroom house structures, highlighting the existence of a family hierarchy, which is based on experience and admiration within the community, not age, and a gender hierarchy, in which femme queens are at the top of the pyramid. The results show that the interviewees presented broader definitions of family, not limited to biological and legal kinship. The chosen family emerges as a place of belonging, providing emotional and, at times, material support. These relationships are consciously maintained, with special importance given to joint everyday activities and mutual care, which allows for the creation of a support network. Regarding gender expression, ballroom is seen as a place where there is more freedom to be oneself and to explore gender. The influence of the house on gender expression emerges as a consequence of the creation of a safe and judgment-free place that encourages experimentation.

Keywords: LGBTI+, Chosen Families, Kinship, Gender Expression, Ballroom Community

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract	v
Glossário	ix
Introdução	1
 CAPÍTULO 1. Revisão da Literatura.....	2
1.1. Definição de conceitos	2
1.2. Família ou Família(s)? Além do modelo único de família	3
1.3. Famílias e expressão de género: famílias de origem e famílias escolhidas	5
1.4. <i>Ballroom</i> : contexto internacional e nacional.....	9
 CAPÍTULO 2. Metodologia.....	13
2.1. Problemática.....	13
2.2. Método e técnicas de recolha e análise da informação	14
2.3. Seleção e caracterização das pessoas entrevistadas	15
 CAPÍTULO 3. Resultados	18
3.1. Funcionamento das <i>houses</i>	18
3.1.1. Estruturas familiares.....	18
3.1.2. Motivações para criação das <i>houses</i>	20
3.1.3. Hierarquias	20
3.2. Definições de família	22
3.3. Manutenção de relações	28
3.4. Expressão de género em diferentes contextos.....	32
3.4.1. Do quotidiano a <i>ballroom</i>	32
3.4.2. Influência da <i>house</i> na expressão de género	34
 Conclusões	35
Referências Bibliográficas	37
Anexos.....	x
Anexo A - Guião de Entrevista	xi
Anexo B – Exemplo de Notas Etnográficas “Vogue Down 2 nd Edition”	xiii
Anexo C – Exemplo de Notas Etnográficas Conversa Aberta.....	xv

“De qualquer modo, já não precisavam de falar. Pertenciam-se e comunicavam entre si pela intensidade dos sentimentos. Tinham inventado uma família.”

(Valter Hugo Mãe, 2015, *O filho de mil homens*, Porto, Porto Editora, p. 245)

Glossário

All American Runway – Categoria num *ball* que replica modelos masculinos numa passarela (*runway*).

Ball – Evento em que as pessoas caminham diversas categorias para ganhar prémios e reconhecimento em *ballroom*.

Caminhar – Desfilar; participar numa das categorias de um *ball*.

Capítulos – Divisão das *houses* por países/regiões. As *houses* geralmente estão presentes em mais do que um país, por isso, quando se quer mencionar a presença de uma *house* numa região ou país específico, dá-se o nome de capítulo. Ex: O capítulo português da *House of Bodega*.

Categorias – Num *ball* existem diferentes categorias, para demonstrar competências e performances de género diferentes.

Eat – (Em português: comer) Fazer algo muito bem; arrasar.

House – Famílias escolhidas, lideradas por *mothers/fathers*, que acolhem membros iniciantes e os preparam para competir em *balls*.

Kids – Pode ter um duplo significado em *ballroom*: filhos de uma *house* ou pessoas novas na comunidade, independentemente da pertença a uma *house*.

Kiki Ball – *Ball* da *kiki scene*.

Kiki Scene – Cena mais pequena e menos competitiva em *ballroom*. Na *kiki scene* o foco é diversão, treinar membros e construir comunidade.

Major Ball – *Ball* da *major scene*.

Major Scene – Cena maior e mais competitiva em *ballroom*. A *major scene* exige mais experiência e a competição é mais exigente.

Realness – Categoria num *ball* que exige passabilidade binária, para parecer “real” na sociedade exterior.

Scene – Cultura ou subcultura.

Introdução

“e voltar sempre a casa p’ra comer,
e voltar sempre a casa p’ra crescer”

Criatura, 2016, Filhe, em *Aurora*

Estes versos demonstram a forma como se pensa a família: um local onde as pessoas podem sempre voltar, quer seja em busca de conforto ou de um espaço onde podem experimentar, errar e crescer. Mas este local familiar não é exclusivo nem das famílias biológicas nem das famílias de origem legais. Aliás, é exatamente assim que pessoas LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Intersexo e com outras orientações sexuais e identidades de género não normativas) descrevem as famílias escolhidas a que pertencem. A presente dissertação tem as famílias escolhidas como ponto de partida, investigando de que forma é que estas abrem espaço para novos entendimentos sobre família, ao mesmo tempo que influenciam e viabilizam expressões de género fora da heteronorma. Para isso, foram entrevistadas sete pessoas pertencentes a *houses* da comunidade *ballroom* em Portugal. A opção pelo estudo da comunidade *ballroom* justifica-se por existir uma estrutura definida dentro das *houses*, o que pode facilitar a análise das dinâmicas dentro da família escolhida. Tanto a comunidade *ballroom* como as famílias escolhidas têm, até à data, sido pouco estudadas no contexto português, pelo que esta dissertação será relevante para a produção de conhecimento sobre estes temas.

Na revisão de literatura será discutido o conceito de família e a sua evolução, bem como a influência que as diferentes famílias (de origem ou escolhidas) podem ter na expressão de género das pessoas. Será também abordada a comunidade *ballroom* e a sua evolução no contexto português, essencial para a compreensão do objeto de estudo.

Depois será mencionada a metodologia utilizada, tendo optado nesta dissertação pela metodologia qualitativa com a utilização de entrevistas semiestruturadas de forma a perceber as experiências, percepções e representações das pessoas entrevistadas. Para complementar a informação das entrevistas foi também utilizada a observação direta, em *balls* e em conversas abertas sobre *ballroom*. As conversas abertas foram promovidas pelo OU.kupa, um projeto de ocupação artística e investigação, tendo a primeira acontecido em novembro de 2024, nos Estúdios Victor Córdón, e a segunda, intitulada “*Ballroom* e a sua construção em Portugal – negritude, descolonização e *queerness*”, em julho de 2025, no Teatro do Bairro Alto.

De seguida, os resultados serão apresentados e discutidos, percebendo melhor o funcionamento das *houses*, as diferentes definições de família das entrevistadas, de que forma é feita a manutenção de laços e como surge a expressão de género em diferentes contextos, nomeadamente no quotidiano, em *ballroom* e, mais especificamente, nas *houses*, de forma a compreender que influencia podem ter na expressão de género dos seus membros. Para concluir, serão resumidas as principais descobertas e feitas recomendações para pesquisas futuras.

CAPÍTULO 1.

Revisão da Literatura

Neste capítulo, irei começar por definir os conceitos de orientação sexual, identidade de género e expressão de género, centrais para esta dissertação. De seguida, será discutido o conceito de família e a maneira como tem evoluído de forma a abranger mais entendimentos de parentesco, bem como a influência que as diferentes famílias (de origem ou escolhidas) podem ter na expressão de género. Por fim, será também contextualizada a comunidade *ballroom* e a sua evolução no contexto português.

1.1. Definição de conceitos

A orientação sexual refere-se à atração sexual, emocional e amorosa de uma pessoa por outras (Gato, 2022), sendo também possível não sentir atração sexual, se falarmos na assexualidade. As minorias sexuais estão integradas na sigla LGBTI+, que inclui também as questões das identidades de género e características sexuais. O mais assinala a possibilidade de outras orientações sexuais, identidades de género e características sexuais não normativas.

É importante considerar os efeitos que a heteronormatividade, entendida como a “manutenção da heterossexualidade como norma para pensar o comportamento de todos os indivíduos” (Gato, 2022, p.18), tem na construção de identidade e na aceitação e exploração de orientações sexuais fora da heterossexualidade. Por um lado, invisibilizando e assumindo como ininteligíveis todas as outras possibilidades de identificação (Butler, 2023) e, por outro, levando pessoas LGBTI+ a adotar estratégias para “passar” como heterossexuais de forma a evitar discriminação em diversos contextos (Bailey, 2013; Gato, 2022).

Já a identidade de género refere-se ao autorreconhecimento pessoal de cada indivíduo (Gato, 2022; Wharton, 2005) relativamente às categorias de género, podendo identificar-se como homem, mulher, ambos, ou como pessoa não-binária, por não se identificar dentro do binário de género. No entanto, a identidade de género não surge como uma coisa totalmente individual, sendo também influenciada pelos significados culturais e sociais dados às categorias de género (Wharton, 2005).

Segundo Gato (2022) a identidade de género, tal como a orientação sexual, “parecem desenvolver-se progressivamente através de múltiplos estádios, que incluem geralmente uma fase inicial de consciência, seguida de exploração, expressão e integração da identidade.” (p.13). O género e a orientação sexual são conceitos intimamente relacionados, porque o afastamento da heteronormatividade é visto como uma transgressão dos papéis de género tradicionais (Gato, 2022; Kane, 2006), associando-se frequentemente a homossexualidade nos homens à feminilidade e a um afastamento da masculinidade e vice-versa para as mulheres. As identidades de género não normativas,

isto é, que transgridem os papéis binários de género, são socialmente minoritárias e, consequentemente, socialmente discriminadas (Saleiro, 2017).

Quanto à expressão de género, segundo Butler (2023), “identificar-se com um género implica, nos regimes actuais do poder, identificar-se com um conjunto de normas realizáveis e irrealizáveis” (p.177). Este conjunto de normas e ações indicam formas de expressar a identidade de género, seja através da estética, pronomes utilizados (Gato, 2022), modo de vestir e falar, postura. Todas estas decisões e comportamentos repetitivos serão lidos pelas pessoas em redor como indicadores e expressões de uma identidade de género específica, o que demonstra o carácter performativo do género - algo que se faz e não apenas que se expressa ou que se é (West & Zimmerman, 1987; Wharton, 2005). No entanto, não é necessário que a identidade e a expressão de género sejam coincidentes. Aliás, como já foi dito, em alguns casos, as pessoas adaptam a sua expressão de género consoante os diferentes contextos, ou para corresponder a normas sociais de forma a evitar discriminação.

Também será importante considerar que a maneira como a pessoa expressa a sua identidade de género pode não corresponder totalmente a uma identidade de género normativa e aos padrões de masculinidade e feminilidade impostos socialmente, uma vez que a própria identidade pode não seguir padrões tão normativos, mesmo quando se insere no binário masculino-feminino.

1.2. Família ou Família(s)? Além do modelo único de família

Tendo em conta que um dos objetivos desta pesquisa é analisar a influência das famílias escolhidas na expressão de género, parece-me pertinente começar por fazer uma questão: devemos falar de Família, no singular, ou em Famílias, no plural? A questão surge porque, ao dizer família no singular, pode criarse a ideia de que existe um modelo único de família, ignorando uma multiplicidade de modelos familiares e formas de parentesco. Mesmo pensando unicamente em famílias heterossexuais, não existe um modelo único de família, sendo um conceito historicamente situado (Aboim, Vasconcelos & Costa, 2013) e que se encontra em constante transformação (Lima & Moz, 2013).

As alterações nas conceções de família podem ser motivadas por várias questões: o aumento da taxa de divórcio, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, as lutas pelos direitos e igualdade das mulheres, tanto na família como no trabalho (Lima & Moz, 2013) e, mais recentemente, pela legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo e pelo abandono da heterossexualidade como a única forma viável da sexualidade (Bento, 2012).

Ainda assim, “a norma insiste ainda em definir as famílias em formatos muito redutores e distantes de grande parte da realidade.” (Lima & Moz, 2013, p. 47), portanto, a utilização do termo famílias, no plural, é uma forma de garantir a inclusão de diferentes modelos familiares, mais realistas e abrangentes.

Para além disso, a ideia de um modelo único de família, considerado natural e normativo (Battle & Ashley, 2008), está muitas vezes associado a uma questão biológica, na qual as pessoas apenas têm

relações de parentesco quando estão ligadas por laços de sangue, ou pelo casamento, sendo pensado “a partir do paradigma da heterossexualidade” (Aboim, Vasconcelos & Costa, 2013)

No entanto, é importante pensar que esta visão, não só é bastante limitativa, como é, também ela, uma construção social. No livro “Families We Choose”, Kath Weston (1997) menciona o carácter ficcional das relações de parentesco, dizendo que “todos os laços de parentesco são, de certa forma ficcionais, isto é, constituídos de forma significativa em vez de um dado adquirido” (p. 105). Também os laços biológicos dependem do significado que lhes é dado, não sendo o parentesco um dado adquirido unicamente pela relação de sangue, o que demonstra uma maior relevância da escolha individual relativamente à pertença (ou não) a uma família (Roseneil, 2006). Carsten (2000) indica como se regulam as relações de parentesco noutras partes do mundo, onde os laços de sangue não parecem ter a mesma relevância que lhes é dada no mundo ocidental, utilizando, inclusive, o termo *relatedness* para “demonstrar um afastamento de uma oposição analítica pré-estabelecida entre o biológico e o social” (p. 4).

Por estes motivos, é importante não tratar outras conceções de família como alternativas inferiores (Aboim, Vasconcelos & Costa, 2013) ou imitações do “paradigma central de família” (Weston, 1997), uma vez que este é também socialmente construído, e não inato.

Roseneil (2006) considera que as tentativas de pluralizar o conceito de família, mesmo quando incluem redes de amizades criadas por pessoas LGBTI+, não são suficientes e podem inclusive “desviar a atenção da natureza extrafamiliar e radicalmente contra-heteronormativa de muitas destas relações” (p. 36). No entanto, considerando o que foi dito até agora, parece-me relevante abandonar a ideia de um conceito de família restrito a um modelo único, bastante distante da realidade. Existem diversas formas de família, incluindo aquelas que, apesar de não terem ligação de sangue, são sentidas e vividas pelas pessoas como uma família.

Se não basta considerar os laços de sangue e o casamento, o que define, então, uma família? Como se diferenciam as famílias das amizades?

No estudo que realizou na Baía de São Francisco, Weston (1997) refere que famílias escolhidas são caracterizadas por “incorporar conscientemente demonstrações simbólicas de amor, história partilhada, assistência material e emocional e outros sinais de solidariedade duradoura” (p. 109), sendo que muitas vezes o apoio dado relativamente a questões financeiras é considerado diferenciador entre relações de parentesco e de amizade (nas quais não é expectável apoio material). Sentirem que têm ao seu dispor uma rede de apoio para qualquer situação é o que muitas pessoas consideram como uma família, independentemente de haver ou não ligação de sangue entre as pessoas envolvidas.

Nesta pesquisa, vou adotar o termo “famílias escolhidas” usado por Kath Weston (1997), para me referir aos laços de parentesco que pessoas LGBTI+ criam para si. Em alguma literatura sobre culturas LGBTI+ (Bailey, 2013), é utilizado o termo “famílias sociais”, no entanto, esta utilização dá a entender que apenas estas relações são socialmente constituídas. Também as famílias biológicas são criações sociais, uma vez que o valor que lhes é dado surge da cultura ocidental e não como um dado adquirido

da biologia ou dos laços de sangue, pelo que me parecia um termo algo enganador. Para fazer a distinção entre as relações de parentesco a que me refiro, utilizarei “famílias de origem” para mencionar as famílias na qual a maior parte das pessoas vive pelo menos até à maioridade.

1.3. Famílias e expressão de género: famílias de origem e famílias escolhidas

As famílias são, geralmente, nas sociedades ocidentais, o principal cenário de construção de identidades, incluindo as de género (Saleiro, 2020). E, desde a infância, as pessoas são interpeladas a corresponder a normas de género, aos papéis normativos de homem e mulher. Os pais e as mães começam a definir o género dos filhos desde que sabem da sua existência (Kane, 2006) e, a partir de cedo, existe esta expectativa de correspondência com as normas, servindo a interpelação como uma tentativa de constituir um sujeito considerado socialmente viável e legítimo (Butler, 2023).

A família de origem assume, portanto, a função de vigiar e regular a expressão de género (Saleiro, 2020, 2022) e a sexualidade. Esta regulação é feita, muitas vezes, “por via da sanção ou tabu” (Butler, 2024, p. 104), e, no caso da sexualidade, assumindo que todas as identidades que se encontram fora da heterossexualidade são condenáveis e ininteligíveis.

O facto de o parentesco, em muitos casos, ainda ser pensado como algo exclusivo da heterossexualidade, e profundamente associado às ideias de reprodução (Carsten, 2000; Weston, 1997), torna o conceito de família refém da heteronormatividade, tratando como desviantes todas as expressões de género e sexuais fora da norma heterosexual (Battle & Ashley, 2008).

Além disso, a primazia dada à capacidade de reprodução e as visões mais convencionais do que define família, fazem com que se pense que as pessoas LGBTI+ não têm lugar nas relações de parentesco, colocando-as “numa relação inherentemente antagónica ao parentesco apenas com base nas suas sexualidades não reprodutivas” (Weston, 1997, p. 27).

As famílias dão geralmente resposta a necessidades básicas (Drucker, 2009), como segurança, abrigo, alimentação, vestuário... No entanto, isto não é garantido para pessoas LGBTI+, que muitas vezes encontram nas famílias de origem fontes de estigma, discriminação e exclusão (Drucker, 2009; Kubicek et al., 2013; McConnell; Birkett & Mustanski, 2016). Nestas situações, a falta de aceitação pode motivar conflitos e ser uma fonte de desconexão entre pais/mães e filhos (Malpas, 2011), bem como de casos de violência. No contexto português, “a maior parte da violência doméstica contra pessoas LGBTI+ é concretizada por familiares” (Saleiro, 2022, p. 114), tendo as situações de violência aumentado durante o período da pandemia. Por este motivo, muitas vezes jovens LGBTI+ acabam por esconder a sua identidade ou corresponder a expectativas de género e sexualidade de forma a evitar conflito familiar ou, em casos mais extremos, expulsão (Bailey, 2013). Nestas situações, podemos verificar como a interpelação, através da repressão e controlo, tenta criar pessoas consideradas legítimas, “concedendo reconhecimento a um preço” (Butler, 2023, p. 170), ou seja, as pessoas apenas são reconhecidas se cumprirem com as normas de género estabelecidas.

Como consequência disto, jovens LGBTI+ acabam por adotar e representar diferentes papéis, consoante a necessidade e as expectativas que lhes são impostas pelas famílias de origem (Bailey, 2013) e pela sociedade geral. Este pensamento pode relacionar-se com a ideia da encenação dramatúrgica da vida social, apresentada por Goffman (1959), no qual menciona a necessidade de as pessoas adaptarem a sua interpretação consoante as expectativas associadas a cada papel social, nos diferentes contextos e interações, estando também limitadas por um guião mais ou menos pré-definido. Também Ehrensaft (2012) menciona algo semelhante, o *false gender self*, uma faceta que crianças que não seguem as normas de género “apresentam ao mundo, com base nas expectativas do ambiente externo e nas interpretações e internalizações da criança sobre comportamentos de género apropriados ou adaptativos” (p. 342). Estas ideias estão de acordo com a afirmação de que o género é algo que se faz (mais do que algo que se é) nas interações sociais (West & Zimmerman, 1987) e demonstram como as identidades de género são “produtos de grupos sociais específicos, que agem de acordo com sistemas de valores particulares” (Del Valle, 1993, p. 9).

No entanto, isto não quer dizer que as tentativas de regulação ou repressão do género ou da sexualidade sejam sempre bem-sucedidas. Afinal, “uma identificação (...) ocorre sempre em relação a uma lei ou, mais concretamente, a uma proibição” (Butler, 2023, p. 150). Isto significa que a expressão de género, apesar de ser definida e limitada pelas normas, é também incentivada por elas, uma vez que é precisamente a existência dessas normas que permite uma tentativa de oposição.

“A dimensão ‘performativa’ da construção é justamente a reiteração forçosa das normas. Não se trata assim somente de haver restrições à performatividade, mas de termos de repensar a restrição como condição da performatividade. A performatividade não é nem livre actuação nem apresentação teatral de si, não se pode simplesmente equiparar à performance. A restrição também não é o que estabelece necessariamente um limite à performatividade, é o que a incita e sustém.” (Butler, 2023, p. 135)

Isto demonstra a capacidade da performatividade de género de criar dinâmicas de mudança e resistência dentro das normas sociais que, simultaneamente, a limitam e a possibilitam. Não existe, nem poderia haver, uma rutura total com as categorias normativas de género, sexo e sexualidade, mas verifica-se, sim, uma negociação entre a identidade e expressão de género individual e as normas regulatórias que definem que corpos são inteligíveis e válidos, numa tentativa de conseguir criar espaço para novos entendimentos sobre género e sexualidade, que se encontram fora da heteronormatividade imposta.

A ideia de performatividade também permite reconhecer as pessoas, mesmo quando crianças, como agentes ativas no processo de criação de identidade e expressão género, e não apenas como recetoras passivas da influência familiar e social (Kane, 2006).

É ainda importante referir que a sexualidade e a expressão de género estão profundamente interligadas, uma vez que muitos pais e mães rejeitam a expressão de género não normativa dos filhos, mais do que das filhas, por medo de que estes sejam gays ou sejam percebidos como tal (Kane, 2006), demonstrando como se associa, sobretudo no caso dos rapazes, a heterossexualidade a uma

masculinidade bem-sucedida. Principalmente nos rapazes há uma maior resistência à não conformidade de género, devido a uma maior desvalorização da feminilidade e repúdio da homossexualidade, que surgem como efeitos da masculinidade hegemónica, exigindo o afastamento do que é considerado feminino para que alguém seja considerado “homem” (Grave, Oliveira & Nogueira, 2019).

Sendo um local de aprendizagem e reprodução das normas sociais (Bento, 2012), a família de origem coloca “as identificações não heterossexuais no domínio da impossibilidade cultural” (Butler, 2023, p. 158), assumindo-as como inviáveis à partida. Torna-se assim uma das principais instituições responsáveis pela manutenção das normas sociais de género e do sistema da heterossexualidade hegemónica.

No entanto, tem-se vindo a verificar uma mudança de paradigma, havendo cada vez mais famílias dispostas a apoiar os filhos com expressões de género não-normativas (Kane, 2006; Kuvalanka, Weiner & Mahan, 2014; Malpas, 2011; Rahilly, 2015; Saleiro, 2020), permitindo que vivam de acordo com a sua expressão de género e mostrando uma maior consciência da diversidade de género. Nestes casos, em que as pessoas e crianças LGBTI+ e com expressões de género não normativas contam com o apoio da sua família de origem, os pais e as mães funcionam como pessoas mediadoras entre os filhos e as instituições sociais (Malpas, 2011; Saleiro, 2020, 2022), sendo os principais responsáveis por tornar a expressão de género dos filhos visibilizada, reconhecida e legitimada (Saleiro, 2020).

Junto das escolas e de profissionais de saúde, o apoio familiar e a capacidade de informar sobre a diversidade de género mostra-se especialmente mais relevante, facilitando a aceitação em ambiente escolar, e, consequentemente, a criação de um lugar mais seguro de aprendizagem, e permitindo lutar por melhores cuidados de saúde para os seus filhos (Malpas, 2011; Saleiro, 2020). É importante considerar que, nas escolas, o bullying motivado por identidades e expressões não normativas de género não afeta apenas a saúde mental, tendo também consequências a longo prazo na trajetória de vida das pessoas, uma vez que resulta frequentemente em percursos escolares atribulados e abandono escolar precoce (Saleiro, 2017), sendo o apoio familiar muito relevante, uma vez que facilita aceitação nas escolas, para garantir melhores condições de aprendizagem que, no futuro, se poderão traduzir em melhores condições materiais.

Pais e mães tornam-se os maiores defensores dos filhos não só fora de casa, em diversos contextos e instituições sociais (Malpas, 2011), mas também no interior da família, quando apenas uma das figuras parentais apoia a livre expressão de género da criança (Kane, 2006; Kuvalanka, Weiner & Mahan, 2014) ou quando a família mais alargada não aceita.

Estudos demonstram que conflitos com as famílias de origem impactam muito negativamente jovens LGBTI+ (Saleiro, 2022) e traduzem-se em maiores riscos de problemas associados à saúde mental (McConnell; Birkett & Mustanski, 2016), sendo que a proibição ou restrição da expressão de género pode resultar em sintomas de ansiedade, stress e depressão (Ehrensaft, 2012). Por outro lado, o apoio familiar em crianças LGBTI+ ou com expressões de género não normativas pode ser associado a

uma melhor saúde mental (Ehrensaft, 2012; Olson et al., 2016), sendo determinante para o “bem-estar, autoestima e integração social” (Saleiro, 2020, p. 6).

Na literatura, muitas vezes caracterizam-se famílias escolhidas como locais onde as pessoas encontram um sentimento de pertença (Bonea, 2022; Capous-Desyllas & Johnson-Rhodes, 2018; Chatzipapatheodoridis, 2017) e um local seguro, onde se sentem livres para se expressarem (Bonea, 2022; Capous-Desyllas & Johnson-Rhodes, 2018). Estas famílias permitem, no fundo, a criação de redes de apoio distintas da família de origem, funcionando como “uma rede estável de pessoas estreitamente ligadas que se protegem mutuamente, dão prioridade às necessidades umas das outras e sentem uma forte lealdade com o coletivo do grupo” (Capous-Desyllas & Johnson-Rhodes, 2018, p. 456).

A diferença entre famílias escolhidas e famílias de origem prende-se, principalmente, com a existência de laços de sangue, no caso de uma família biológica, e com a legitimidade, legal e social que é dada às famílias de origem (Butler, 2003), que, mesmo quando não são biológicas, pressupõem a existência de vínculos legais. Outra coisa que se encontra na literatura para distinguir as famílias de origem das famílias escolhidas na idade adulta é a ideia de que estas últimas não assumem como garantidas as relações de parentesco, agindo para as estabelecer e manter ao longo do tempo (Bailey, 2013; Weston, 1997). Bailey (2013) aborda esta questão através do exemplo da comunidade *ballroom*, na qual o papel das *houses* é extremamente relevante. As *houses* em *ballroom* são famílias, lideradas por mães ou pais, que acolhem jovens da comunidade e as preparam para competir nos *balls*. Estas casas podem corresponder a locais físicos, quando membros de uma *house* vivem juntos, mas são, principalmente, construções sociais que servem como fontes de apoio (Bailey, 2011). O autor utiliza o termo *kin labor* para se referir ao trabalho realizado por membros destas estruturas familiares, necessário para nutrir e garantir a manutenção destas redes sociais, trabalho esse que muitas famílias de origem, mas principalmente as biológicas, negligenciam, ao acreditar numa conexão inerente aos laços de sangue.

Although the ties that bind members together in the Ballroom community are not biological, kin ties are, nonetheless, viewed, undertaken, and experienced as real. Unlike Ballroom members' blood families, emphasis is placed on the labor involved in developing and maintaining relationships that add meaning to the house. (Bailey, 2013, p. 96)

De qualquer forma, é incontestável a importância destas redes familiares na vida de pessoas LGBTI+, principalmente para aquelas que são rejeitadas por famílias de origem, e que, portanto, criam redes de sociabilidade que existem “fora do quadro da família nuclear heterossexual” (Roseneil, 2006, p. 37). As famílias escolhidas surgem como uma fonte de apoio, que lhes permite expressarem-se sem as limitações normativas de género impostas pela família de origem, que vê a heterossexualidade hegemónica como única opção: “a ressignificação da família não é nestes termos imitação vã ou inútil,

mas a construção social e discursiva de uma comunidade (...) que une, cuida e ensina, que abriga e viabiliza" (Butler, 2023, p. 191).

Ainda assim, em vez de considerar famílias escolhidas como substitutos das famílias de origem, Weston (1997) sugere pensá-las como sucessoras cronológicas, no sentido em que são relações de parentesco formadas normalmente na idade adulta, enquanto a família de origem tem, segundo a autora, um papel mais relevante até à maioridade.

As famílias escolhidas não se limitam a imitar ou reproduzir as estruturas familiares de origem (Bailey, 2013), que muitas vezes estão organizadas de forma a manter relações sociais desiguais (Drucker, 2009). No entanto, o aspeto mais relevante deste tipo de famílias é o facto de abrir novas possibilidades de parentesco:

Queering families, communities, and larger societies lays bare the socially constructed, ideological character of gender, family, and sexual structures. People can then begin to pose questions, not so much about what is ‘natural’ or ‘what is part of our culture’ as about what kinds of network best meet their material, social, emotional, and sexual needs. (Drucker, 2009, p. 830)

1.4. *Ballroom*: contexto internacional e nacional

Ballroom é uma subcultura LGBTI+ associada a performances de dança (*voguing*), que tem como elementos principais as Casas (*Houses*) e os Bailes (*Balls*). A primeira casa de *ballroom*, a *House of LaBeija*, surge nos Estados Unidos, nos anos 1970, como resposta à exclusão racial vivida dentro da própria comunidade LGBTI+ em bailes de *drag* (Lawrence, 2013), e que resultou na necessidade de criação de um novo espaço de convivência, onde as protagonistas fossem pessoas LGBTI+ racializadas e latinas.

Frequentemente, devido à sua não conformidade com expectativas de género e sexualidade, jovens LGBTI+ eram rejeitados e expulsos pelas suas famílias de origem, sendo posteriormente “adotados” por membros da comunidade *ballroom*, *mothers* e/ou *fathers*, que funcionavam como figuras parentais dentro da *house*, e lhes davam uma casa, uma rede de apoio e es preparavam para competir nos *balls* (Bailey, 2011). Uma *house* estrutura-se de maneira muito semelhante a uma família tradicional, uma vez que uma *mother/father* tem as mesmas funções que teria uma mãe/pai - de acolher e ensinar os filhos (neste caso, membros integrantes da *house*) e membros integrantes da mesma *house* geralmente tratam-se por “irmãs”/“irmãos”, uma vez que são filhos da mesma *mother/father*. Nesta altura, as *houses* eram muitas vezes substitutas das famílias de origem, pelo que a adoção de papéis como *mother* e *father* era necessária para cumprir os papéis e as responsabilidades que inicialmente seriam das figuras parentais de origem, nomeadamente atender a necessidades básicas como segurança, abrigo, alimentação, vestuário, de forma a garantir o bem-estar dos *filhos*.

Em *ballroom*, as pessoas participantes escolhem um nome para se identificarem, que é depois seguido do nome da *house*, e que serve como apelido. No caso de Crystal LaBeija, Crystal é o primeiro nome e LaBeija é o nome da *house*¹. Isso significa que sempre que as pessoas tiverem o mesmo “apelido” pertencem à mesma *house*, replicando novamente o que, tipicamente, acontece nas famílias de origem. Se uma pessoa não pertencer a uma *house*, o primeiro nome é seguido de 007, para indicar que é um *free agent*.

Apesar de membros de uma *house* poderem de facto viver juntos, isso nem sempre se verifica, e essa estrutura familiar ganha importância principalmente “como uma construção não física – a construção de uma comunidade” (Klitgård, 2019, p. 111).

As *houses* em *ballroom* não existem dissociadas dos *balls*, sendo que para serem reconhecidas e respeitadas como *houses*, estas precisam de participar nas competições e ter algum sucesso (Bailey, 2013). No entanto, são uma dimensão essencial para a continuação da cultura *ballroom*, uma vez que são estas unidades familiares que planeiam os eventos e que são responsáveis por treinar membros iniciantes da comunidade.

As competições em *ballroom* têm várias categorias nas quais o género se reafirma como uma performance, sendo locais onde os conceitos de género, sexo e sexualidade são entendidos de maneira muito mais fluída do que na sociedade em geral (Bailey, 2011), demonstrando a maleabilidade do “género enquanto construção social” (Merlini, 2020, p.81). Bailey (2011) apresenta ainda o “sistema de género” existente em *ballroom*, no qual os termos “refletem experiências vividas e são moldados e ensaiados através das performances nos bailes” (p. 369). O sistema de género em *ballroom*, é composto por: *femme queens*, mulheres trans; *butch queens*, homens que se identificam como gay ou bissexual, independentemente da sua expressão de género; *butch queens up in drags*, homens gays que fazem *drag*; *butches*, homens ou mulheres que se apresentam de forma masculina; *mulheres cis*, de várias sexualidades; e *homens*, cishétero. Como podemos ver, a maioria destas categorias não se refere a identificação de género, mas principalmente a uma articulação entre género e sexualidade, que surgem, como foi mencionado anteriormente, de uma forma muito mais flexível.

O trabalho de Marlon Bailey no estudo da cultura *ballroom* em Detroit é um ponto de partida essencial para o estudo da cultura *ballroom* em qualquer local do mundo. Em *Butch Queen Up in Pumps* (2013), o autor foca-se bastante na dimensão da performance, na importância que esta apresenta na cultura *ballroom* e no modo de vida e construção de identidade dos seus participantes.

“Because identities are produced in large part through rituals of self and communal forms of representation, performance rituals play a vital part in ballroom members’ reconstitution of gender and sexual identities.” (Bailey, 2011, p. 372)

¹ No caso de pessoas que pertencem a *houses* da *kiki* e da *major scene*, o primeiro nome é seguido do nome da *kiki house* (1º apelido) e depois da *major house* (2º apelido). Ex. Flawless Telfar Revlon pertence à *Kiki House of Telfar* e à *major House of Revlon*.

Isto demonstra também a importância da performance para negociação entre a identidade individual e as expectativas sociais. O conceito de *realness*, aliás, é prova disso mesmo. As pessoas que caminham categorias de *realness* em *ballroom* têm como principal objetivo ser o mais “passável” possível, adotando expressões de género normativas. Isto porque a categoria surge numa época em que membros da comunidade tinham que corresponder a essas mesmas normas para se conseguirem manter em segurança fora dos *balls*. Sendo obrigadas a aderir a ideias rígidas de género no quotidiano, a performance das categorias de masculino ou feminino de maneira credível era importante para evitar situações de violência.

“Generally, *realness* serves two primary functions for members of the ballroom community. First, it is a guide by which members formulate their performances and self-presentation to compete in runway categories at the ball events. (...) At the same time, these performances of their bodies are used to create the illusion of gender and sexual conformity in the outside world.” (Bailey, 2011, p. 378)

Os *balls* funcionam, portanto, como locais de performance ritualizada (Bailey, 2013), podendo relacionar-se inclusive com a ideia da encenação dramática da vida social (Goffman, 1959), uma vez que membros da comunidade *ballroom* mudam frequentemente o papel que representam consoante a necessidade e as expectativas estabelecidas de comportamento, quer dentro dos *balls* para se adaptarem às categorias, quer fora da comunidade *ballroom*, para se adaptarem às expectativas normativas de género e sexualidade.

Em Portugal, *ballroom* começa a dar os primeiros passos em 2019, apesar de terem existido tentativas para estabelecer a cena em anos anteriores, segundo informações obtidas no decurso da Conversa Aberta “*Ballroom* e a sua construção em Portugal – negritude, descolonização e *queerness*”². Em junho de 2019, Joana de Cuyper, bailarina luso-belga, começa a dar workshops de *voguing*, chamados *Lisbon Vogue Sessions* (Silva, 2019), juntando-se depois a outras pessoas que davam aulas e traziam membros da cena internacional para ensinar. Em setembro do mesmo ano, Piny Orchidaceae, bailarina, coreógrafa e professora, e Nala Revlon, artista e performer, organizam o *Vogue Weekend Series*, convidando Yanou e Veronika Ninja, membros da *House of Ninja*, para um fim de semana de conversas e aulas.³ Para criar a comunidade *ballroom* em Portugal era necessário que as pessoas soubessem os movimentos e as diferentes categorias, mas também o contexto em que esta se insere. E uma vez que a cena ainda não existia no país era necessário convidar pessoas que já fizessem parte da comunidade *ballroom*, o que só poderia acontecer com participantes da cena internacional, que pudessem transmitir esse conhecimento.

No entanto, o primeiro *kiki ball - Blue & Pink Kiki Ball* - acontece apenas em 2021, organizado por Maximus (na altura da *House of Marciano*)⁴, que teve também um papel pioneiro na criação da cena

² Realizada a 9 julho de 2025, no Teatro do Bairro Alto.

³ <https://www.instagram.com/p/B0-r8RRDQW1/>

⁴ <https://www.facebook.com/lisbonvoguesessions/posts/812489733007738>

ballroom em Portugal.⁵ O primeiro *ball* da *major scene* (*Divine Feminine Gucci Ball*) acontece mais tarde no mesmo ano, organizado pela *House of Gorgeous Gucci*⁶.

A *Kiki House of Musa*⁷ é o exemplo de uma *house* totalmente portuguesa, não existindo outros países. No entanto, a maioria das *houses* são internacionais. A *House of Bodega*, por exemplo, existe em vários países e tem um capítulo em Portugal, que está incluído nessa estrutura global, o que é bastante comum na cultura *ballroom*.

A comunidade *ballroom* em Portugal surge principalmente por influência de pessoas que estiveram em locais onde esta comunidade já estava bastante estabelecida e que tentaram recriar essa ideia no país, através da criação de conversas, workshops, aulas e outros espaços de partilha de conhecimento. Kali, a fundadora e *Mother* da *Kiki House of Musa*, a primeira *kiki house* portuguesa, mencionou numa entrevista que o contacto que teve com a comunidade *ballroom* durante o tempo que viveu em Nova Iorque foi o que a levou a tentar criar espaços semelhantes em Portugal, onde sentia falta de um local onde encontrasse a mesma liberdade e apoio (Fernandes, 2022). Também Nala Revlon descobriu a cultura *ballroom* quando viveu em Paris, tendo sido uma das principais responsáveis pelo crescimento da comunidade *ballroom* em Portugal. Nala e Piny criaram vários espaços que possibilitaram o desenvolvimento desta comunidade “permitindo [a corpos queer e marginalizados] encontrar expressão através da dança e da música” (Bonea, 2022, p.41).

Em Portugal existem cerca de 70 membros⁸ da comunidade *ballroom*, a maioria entre Lisboa e Porto. A iniciativa *Vogue Down*⁹, promovida por Owen e Billy (na altura 007¹⁰, atualmente Coperni), tinha o objetivo de fazer *balls* mensais, tendo organizado sete *balls* de setembro de 2024 até março de 2025. No entanto, esta iniciativa terminou e, portanto, é difícil identificar uma periodicidade específica, uma vez que *balls* são eventos dispendiosos e que, na maioria das vezes, não recebem qualquer tipo de apoio, sendo pagos na totalidade por quem os organiza.

⁵ Max foi mencionado várias vezes durante as conversas abertas. Durante o Happy Tree Friends Kiki Ball, onde fez parte do júri, os organizadores agradeceram-lhe por tudo o que fez pela comunidade em Portugal. Happy Tree Friends Kiki Ball aconteceu a 13 de julho de 2025, no Lumiar, organizado por Starfire 007, Ira 007 e Neo Coperni.

⁶ <https://www.instagram.com/p/CUFu6HFsivk/>

⁷ A *Kiki House of Musa* deixou de existir este ano, em 2025, mas este exemplo parece-me relevante por ser um caso excepcional.

⁸ Informação obtida no decurso de conversas abertas e de entrevistas semiestruturadas.

⁹ https://www.instagram.com/vogue_down/

¹⁰ 007 é o nome dado a pessoas que participam em *ballroom* mas não pertencem a uma *house*.

CAPÍTULO 2.

Metodologia

Neste capítulo será discutida a problemática da investigação e a metodologia adotada, tanto para recolha dos dados, através de entrevistas semiestruturadas e observação direta, como para a sua análise, com recurso a uma análise qualitativa das entrevistas. Também serão abordadas as características sociodemográficas das entrevistadas, as dificuldades encontradas e possíveis limitações desta dissertação.

2.1. Problemática

Considerando o que foi dito até agora podemos perceber que as famílias de origem influenciam bastante a forma como o género e a sexualidade são vividas e expressadas pelas pessoas. Isto pode justificar-se pelo facto de serem responsáveis pela socialização primária, sendo também as primeiras figuras de autoridade a definir as normas e as expectativas de comportamento. Em algumas situações, pode surgir a obrigação de correspondência com as normas de género, sob ameaça de perda do sustento material.

Sílvia Portugal (2006) refere como o dom é utilizado para estabelecer e manter as relações sociais, seguindo uma lógica de dádiva e retribuição, em que se cria um estado de dívida para com o outro, que se “torna permanente à medida que se constrói um ciclo de dom e contra-dom” (p. 66). Apesar da expectativa de retribuição ser ocultada, a ideia de dívida para com o outro mantém-se e é algo que pode ser especialmente relevante ao analisar relações familiares, nas quais os filhos se sentem em dívida para com os pais e as mães por tudo aquilo que fizeram por si ao longo dos anos. Ainda assim, a autora refere que o dom nas sociedades contemporâneas é mais livre, permitindo às pessoas uma “autonomia maior na escolha dos seus círculos de pertença e na definição das suas obrigações práticas e morais” (p. 69). No entanto, no caso das famílias biológicas, surge a ideia de uma dívida que não pode ser paga (a da vida) e que cria uma relação de poder desigual entre pais/mães e filhos.

Tendo isto em conta, que influência podem ter as famílias escolhidas, que não dependem de laços biológicos ou legais e nas quais as relações de poder não são, à partida, tão acentuadas, na expressão de género? Bailey (2013) considera que estas relações de parentesco “desafiam noções convencionais de casamento, família e parentesco ao rever relações de género e redefinir o trabalho de género” (p. 80). Mas será que isto também tem efeitos na expressão de género dos membros? Apesar das famílias escolhidas não contarem com o nível de autoridade inherentemente associado às relações de parentesco de origem, poderá haver um efeito semelhante em que uma pessoa reprime a sua identidade de género por medo de perder o apoio da sua “família escolhida”? Ou será que estas relações de parentesco permitem uma maior liberdade da expressão de género? E de que forma é que isto se manifesta especificamente no contexto português?

Se consideramos que as famílias escolhidas e as famílias de origem constituem relações de parentesco igualmente relevantes, e tendo em conta que a expressão de género é algo central na vida social de pessoas *queer*, é importante entender de que forma é que estas famílias viabilizam expressões de género fora da heteronorma.

2.2. Método e técnicas de recolha e análise da informação

Para dar resposta às questões colocadas, este estudo adota uma abordagem qualitativa, com a utilização da técnica da entrevista, pela sua capacidade de captar em profundidade o ponto de vista das pessoas participantes e os significados que dão a alguns aspetos da sua vida quotidiana (Bryman & Bell, 2019), nomeadamente as famílias escolhidas de que fazem parte e a sua expressão de género. Complementarmente, recorreu-se também à observação direta de eventos relacionados com *ballroom*.

Para a recolha dos dados foram conduzidas sete entrevistas semiestruturadas¹¹, que funcionaram como “conversas com objetivo” (Burgess, 1997) e permitiram abordar questões específicas dando, ainda assim, liberdade às pessoas entrevistadas na forma como respondem (Bryman & Bell, 2019; Quivy & Campenhoudt, 2005). Esta técnica permite obter informação mais detalhada e perceber as experiências, percepções e representações (Bryman & Bell, 2019; Quivy & Campenhoudt, 2005; Ruquoy, 1997) das pessoas entrevistadas, respeitando os seus quadros de referência (Quivy & Campenhoudt, 2005) e explorando o modo como cada pessoa entrevistada entende a sua expressão de género e a importância que atribui à família escolhida, como, potencialmente, fonte de apoio e local de pertença, e viabilizadora de expressões de género fora da heteronorma.

Ballroom tem vindo a ganhar destaque, havendo cada vez mais gente interessada em assistir aos *balls* e a estudar a comunidade. Por este motivo, e também por serem pessoas socialmente desprivilegiadas, a comunidade *ballroom* é relativamente fechada, de forma a tentar proteger as pessoas participantes. Este deve ser um espaço seguro e serve, antes de qualquer outra coisa, para as celebrar. Consequentemente, o contacto e recrutamento para participação nas entrevistas teve alguns desafios, por ser difícil chegar às pessoas e porque, em alguns casos, se sentiam hesitantes em participar. No final, recebi apenas sete respostas positivas.

De forma a complementar a informação das entrevistas, foi também utilizada a observação direta em *balls*¹² e em duas Conversas Abertas sobre *ballroom*, promovidas pelo OU.kupa, um projeto de ocupação artística e investigação, entre 2024 e 2025. A primeira conversa aconteceu a 23 de novembro de 2024, nos Estúdios Victor Córdón, com o tema “*Ballroom, História e Trajetória em Território Europeu*” e a participação de membros da *House of Telfar* - Father Dante e Princess Flawless. A segunda conversa, intitulada “*Ballroom e a sua construção em Portugal – negritude, descolonização e queerness*”

¹¹ Ver Anexo A - Guião de Entrevista

¹² Ver Anexo B – Notas Etnográficas (Vogue Down 2nd Edition)

aconteceu a 9 de julho de 2025, no Teatro do Bairro Alto, e teve a participação de Flawless Revlon¹³, Malia Imaan e El Bango, membros da comunidade. A observação direta nos *balls* permitiu perceber os comportamentos e interações no contexto de competição, que foram analisados com base em parâmetros definidos previamente (Bryman & Bell, 2019; Quivy & Campenhoudt, 2005).

O guião das entrevistas (em anexo) foi estruturado consoante os objetivos definidos para a pesquisa: mapear as diferentes definições de família e as representações associadas às famílias escolhidas; explorar o funcionamento das *houses*, nomeadamente a maneira como são nutridas estas relações, quais as estruturas familiares e as dinâmicas de género associadas; analisar a importância das *houses* na vida dos seus membros; perceber a forma como a expressão de género surge em diferentes contextos e como é influenciada pela família escolhida. As entrevistas foram realizadas presencial e virtualmente, tendo uma duração média de 50 minutos, e optou-se pela transcrição integral.

A seleção das pessoas entrevistadas fez-se com recurso ao método de amostragem bola-de-neve. Começou por se estabelecer um primeiro contacto com pessoas relevantes para o estudo, a quem depois se pediu para indicarem outras pessoas (Bryman & Bell, 2019; Burgess, 1997), o que diminuiu a resistência à entrevista devido à referência dada pelo contacto em comum. Este método mostrou-se especialmente útil nesta investigação uma vez que segue o padrão das relações sociais (Burgess, 1997), que são o objeto central do estudo.

Para o tratamento das entrevistas optou-se por uma análise temática, analisando a frequência com que certos temas são mencionados (Bryman & Bell, 2019; Quivy & Campenhoudt, 2005), quais são comuns a várias pessoas entrevistadas e quais se distinguem ou contrastam de outros pontos de vista apresentados (Maroy, 1997). Isto permite revelar representações e juízos de valor de cada entrevistada, mas também perceber sistemas de representações comuns, relativamente às famílias escolhidas e até à comunidade *ballroom*.

2.3. Seleção e caracterização das pessoas entrevistadas

Como critérios de seleção foi apenas considerada a pertença a uma *house* na comunidade *ballroom* em Portugal, não sendo, no entanto, necessário que as pessoas entrevistadas fossem portuguesas, uma vez que a comunidade *ballroom* é um espaço também criado por e para pessoas migrantes, que não podem ser ignoradas quando se estuda o contexto nacional.

Foram entrevistadas sete pessoas, com idades entre os 20 e os 34 anos (ver tabela 1). Os nomes utilizados são os de *ballroom*, consoante o consentimento individual, exceto num dos casos, em que a pessoa preferiu manter-se anónima e a quem foi atribuído um nome fictício. Nos casos em que o nome de *ballroom* é utilizado, o “apelido” indica a *house* a que as pessoas pertencem, ou seja, All Sinner

¹³ Na altura da primeira conversa era Flawless Telfar Revlon, sendo *Princess* da *House of Telfar* e estando, portanto, identificado como Princess Flawless. Na altura da segunda conversa já não fazia parte da *House of Telfar*, sendo identificado como Flawless Revlon.

Versace pertence a *House of Versace* e June, Neo e Nicotyna Coperni partilham o apelido porque todos pertencem à *House of Coperni*.

A autoidentificação de género foi preenchida de acordo com a informação prestada pelas pessoas entrevistadas. No caso de Alana, disse não se identificar com o conceito de género, mas, tendo uma experiência na sociedade enquanto mulher, optou por escolher a autoidentificação de mulher não-binária. Neo Coperni identifica-se como pessoa não-binária com uma experiência trans masculina.

Três das entrevistadas ocupam posições de liderança dentro das *houses*: Dante Telfar (*father* da *House of Telfar*), Alana (*mother*) e Picasso Louboutin (líder do capítulo português da *House of Louboutin*). Apesar de não ter o título de *father*, Picasso é considerado líder do capítulo por ter sido a pessoa responsável por iniciar o capítulo português e detém uma posição de liderança na *house*, pelo que também lhe foram dirigidas questões inicialmente apenas destinadas a *parents*.

Neo e Nicotyna Coperni foram, excepcionalmente, entrevistadas em conjunto, por sugestão das próprias, uma vez que são membros integrantes da mesma *house* e também um casal. A entrevista em conjunto, para além da informação que forneceu sobre as entrevistadas individualmente, permitiu também aprofundar representações devido ao diálogo entre ambos, que, por vezes, revelava novas ideias para além daquelas que eram dadas inicialmente como resposta.

Ballroom foi criado principalmente para mulheres trans (*femme queens*) e pessoas *queer* racializadas. No entanto, apesar de ter existido uma tentativa de contacto, não foi entrevistada nenhuma *femme queen*, e o número de pessoas negras entrevistadas não corresponde à diversidade que se encontra na cena *ballroom* em Portugal, o que corrobora a ideia de que “grande parte da investigação sobre as pessoas de minorias sexuais e de género reflete ainda as experiências daquelas que detêm mais privilégios, ao passo que aquelas que vivenciam múltiplas formas de opressão são geralmente menos acessíveis e estudadas” (Gato, 2022, p.13). Embora as pessoas entrevistadas façam parte de uma *house* e possam contribuir para um melhor entendimento dessas estruturas familiares, adequando-se ao objetivo da pesquisa (Ruquoy, 1997), esta limitação não deve ser ignorada uma vez que é algo que pode condicionar os resultados.

O projeto foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética (PF 27/2025).

Tabela 1. Características sociodemográficas des entrevistadas

Entrevistada	Idade	Nacionalidade	Autoidentificação de género	Orientação sexual	Auto-tratamento linguístico	Posição na <i>house</i>
June Coperni	20	Angolana	Homem	Bissexual	Masculino	Membro Integrante
Dante Telfar	34	Italiana/Alemã	Homem	Gay	Masculino	<i>Father</i>
Picasso Louboutin	26	Portuguesa	Homem	Gay	Masculino	Líder de capítulo
Alana	29	Portuguesa	Mulher não-binária	Pansexual	Feminino/ Neutro	<i>Mother</i>
Neo Coperni	27	Suíça/ Portuguesa	Não-binárie trans masculino	Bisexual	Masculino/ Neutro	Membro Integrante
Nicotyna Coperni	26	Brasileira	Mulher	Bisexual	Feminino	Membro Integrante
All Sinner Versace	25	Portuguesa	Homem	Gay	Masculino	Membro Integrante

CAPÍTULO 3.

Resultados

3.1. Funcionamento das *houses*

3.1.1. Estruturas familiares

As *houses* estão normalmente inseridas em estruturas globais complexas, que são compostas por pessoas com vários títulos, e seguem uma lógica semelhante à das famílias de origem (Klitgård, 2019). Imaginando o caso de uma *house* com capítulo em Portugal, a hierarquia de títulos (organizada de forma descendente) seria a seguinte: *Founding Parent*, o fundador da *house*; *Overall Parent*, responsável por todos os capítulos da *house* a nível internacional; *Overseer*, responsável por garantir a comunicação entre os capítulos e os *overall parents*; *European Parent*, responsável por todos os capítulos daquela região ou continente (no caso, europeus) nos vários países; (*Portuguese*) *Parent*, responsável apenas pelo capítulo específico em que se insere (neste exemplo, o português); (*Portuguese*) *Godparents*, responsáveis na ausência de um *parent*, tal como as madrinhas e os padrinhos numa família de origem; (*Portuguese*) *Princess/Prince* são *kids*, mas têm o título por serem, dentro da *house*, um exemplo a seguir, inclusive apoiando es *parents* nas mais variadas responsabilidades.

Os títulos de *mother* e *father*, apesar de parecerem seguir uma lógica heteronormativa, revertem os papéis de género assumidos como normais, visto que a *mother* pode ser, e é muitas vezes, um homem. A identificação como *mother* ou *father* é individual e, portanto, cada pessoa escolhe como se identifica. Geralmente, pessoas que escolhem o título *mother* identificam-se com uma energia mais feminina (independentemente da sua identidade de género) e as pessoas que se identificam como *father* sentem-se mais próximas da masculinidade. A mesma coisa acontece quando se fala de irmãos/irmãs, sendo que as pessoas escolhem como querem ser tratadas (no masculino, feminino ou neutro) independentemente da sua identidade de género. Como explica uma das pessoas entrevistadas:

“It depends on how you identify and how you want to present yourself in ballroom. You could be a cis male, and you take on the role of mother. I feel like this is also the essence that you have and how you want to present yourself in the scene. So, if you're embracing a little bit more conventionally feminine energy, you would probably go for mother. So that's why it's not as strict.” (Dante Telfar, father, 34 anos)

Bailey (2009) menciona que nos casos em que existem dois *parents*, a sua relação é geralmente platónica, o que também contraria aquilo que acontece nas famílias de origem.

As estruturas globais funcionam como famílias afastadas, ao passo que a estrutura nuclear é constituída por *Parent(s)*, *Godparent(s)*, *Princess/Prince* e filhos. Dentro das estruturas internacionais, isto pode sempre replicar-se, podendo existir *Overall Godparents* e *Overall Princess/Prince*, bem como *European Godparents* e *European Princess/Prince*. É ainda importante referir que, por vezes, vários títulos se podem reunir numa mesma pessoa. Por exemplo, na *House of Coperni*, Owen e Zion Coperni

são, simultaneamente, *Founding Mothers*, *Overall Mothers* e *Chapter Mothers* (Owen em Portugal e Zion em Paris).

Embora façam muitas vezes parte destas estruturas globais complexas, as *houses* no capítulo português não têm uma estrutura familiar tão elaborada, o que talvez se explique pelo facto de ser uma cena recente e relativamente pequena. Na maioria das vezes têm apenas uma *parent figure* (*mother* ou *father*) e em alguns casos não existem títulos. Quando existe um título para além de *mother/father* é geralmente *princess* ou *prince*, que serve para reconhecer o esforço e o trabalho que esse membro desenvolveu dentro da *house*.

Uma vez que a estrutura das *houses* em Portugal é geralmente constituída por um único *parent*, este acumula uma série de funções, relativos tanto à competição como à vida pessoal dos membros integrantes. Entre essas responsabilidades está treinar os filhos para as competições e garantir que estão preparados para caminhar certas categorias, definir a imagem visual da *house*, antes de um *ball* garantir que tudo está pronto, fomentar as relações entre os *kids*, garantir o bem-estar de todas as pessoas da *house* e aconselhar, o que está alinhado com outros estudos (Bailey, 2013).

O género parece não ter influência na divisão de responsabilidades, que, segundo as pessoas entrevistadas, são iguais independentemente de se tratar de uma *mother* ou de um *father*. No entanto, Dante (*father*) menciona que no passado pode ter existido essa distinção.

“I think nowadays this is changing and people discuss that with each other. So maybe in the past, it was more split. In terms of categories, maybe mother figure would be more trans woman so they would take care of the nurturing sense of helping the girls transition and all that aspect, whereas the father figure would be more about being real, these categories that were more masculine. I feel like nowadays it really doesn't matter like if you're father or mother, it's just there to create structure.” (Dante Telfar, *father*, 34 anos)

Essa distinção também é mencionada por Bailey (2013), que considera que esta divisão de trabalho reforçava papéis heteronormativos, uma vez que a *mother* era sempre responsável pela maioria do trabalho doméstico (mesmo quando era um homem), enquanto o *father* era absolvido da maioria das responsabilidades.

Para além destas responsabilidades, os títulos motivam expectativas adicionais, de que essas pessoas sejam uma referência para os filhos e para a comunidade. Como o título os torna uma representação da *house*, especialmente no *ball*, há expectativas:

“Uma coisa é quando somos um membro integrante, se fazemos asneira ou perdemos, ou levamos um *chop*, é uma coisa. Quando somos líderes de capítulos, ou *fathers*, ou alguém com um título, há uma expectativa de que esta pessoa pode não ganhar, mas tem que criar um momento, tem de aguentar batalhas, portanto, há essa dualidade também de posições.” (Picasso Louboutin, líder de capítulo, 26 anos)

“Levar um *chop*” significa ser desclassificado de uma categoria, seja por não cumprir os requisitos de uma categoria ou porque o júri não gostou da performance. Geralmente o *chop* acontece porque a

pessoa não levou um acessório ou cor exigido para caminhar a categoria. Se uma categoria exigir, por exemplo, roupa amarela e o participante não cumprir, vai ser *chopped*, e não passar para a próxima fase da competição. No ball da 2^a edição da Vogue Down¹⁴ o tema era American Horror Story e era exigido que os participantes mostrassem a referência de onde se inspiraram, caso contrário seriam desclassificadas: “Just come with your REFERENCE or its a CHOP”¹⁵. Quando alguém caminha uma categoria pode ser *chopped* ou receber 10's do júri, passando à próxima fase, onde terá que batalhar com outros participantes da mesma categoria (Bailey, 2013). Se ganhar todas as batalhas, é o vencedor da categoria (*grand prize*). Por serem consideradas pessoas de referência, tanto na *house* como na comunidade, é esperado que alguém numa posição de liderança não seja *chopped* e demonstre qualidade na sua performance.

3.1.2. Motivações para criação das *houses*

As *houses* em Portugal, como já referido na revisão de literatura, surgem muitas vezes como forma de expansão de uma estrutura mais global, isto é, de maneira a ter capítulos e representação da *house* em mais locais e países. No entanto, para além deste motivo, as pessoas entrevistadas mencionam ainda que a criação da *house* é uma forma de criar um legado, tanto para as *parent figures* como para membros integrantes. Quando a *house* surge da vontade de uma *parent figure*, as entrevistadas afirmam que estas pessoas “têm muito para oferecer” e querem transmitir esses conhecimentos a membros *house*, e a membros iniciantes da comunidade. Também é referida a importância de reconhecer o talento e a *scene* em Portugal, onde não há tanto investimento.

“Elas [*founding mothers*] perceberam que a *kiki scene* it's really for us, for the kids, for the people that are starting, the younger generation. They wanted to create a space where they could have a legacy, for us and for themselves. I feel like that was their vision for creating a house. I think they saw something in us.” (June Coperni, membro integrante, 20 anos)

No caso de All Sinner Versace (membro integrante), a criação do capítulo em Portugal não partiu da iniciativa de um líder da cena internacional nem da vontade de uma *parent figure*. Membros das *house* demonstraram interesse em iniciar o capítulo e os líderes internacionais aprovaram o pedido, mantendo-se a *house* sem qualquer título.

3.1.3. Hierarquias

Quanto à hierarquia dentro da *house*, todas as pessoas entrevistadas mencionam que esta surge de uma forma natural e raramente precisa de ser imposta. O respeito pela autoridade das *parent figures* é motivado por admiração e respeito, por serem pessoas de referência numa certa categoria e na

¹⁴ Realizado a 17 de outubro de 2024, no Drama Bar.

¹⁵ https://www.instagram.com/p/DA_WEMHM2bu/?img_index=1

comunidade, o que está de acordo com o estudo de Bailey (2013), uma vez que era necessário que *parents*, para assumirem esse papel, fossem bem-sucedidos e reconhecidos em *ballroom*.

“Nós temos a nossa *mother*, na minha opinião is one of THE ballroom people right now in Portugal and in Paris” (June Coperni, membro integrante, 20 anos)

Em *ballroom*, a idade não é indicativa de mais conhecimento ou experiência, ao contrário do que acontece na maioria das famílias de origem. Independentemente da idade, a pessoa que está há mais tempo em *ballroom* tem mais conhecimento sobre a cena, sendo comum *mothers* serem mais novas que os filhos, porque têm mais experiência em *ballroom* (Bailey, 2013; Klitgård, 2019).

“Esta pessoa pode ter a tua idade ou até ser mais nova que tu, mas é uma pessoa que sabe mais que do que tu e a forma como tu vais receber esse conhecimento tem que ser com respeito. E não como se fosse uma pessoa que, se calhar, está no mesmo nível de conhecimento que tu. Eu acho que o papel hierárquico na *ballroom* é importante para se perceber também o teu processo dentro da *ballroom*” (Alana, mother, 29 anos)

Também a relação entre irmã(o)s é definida com base na “idade de *ballroom*”, sendo considerada irmã(o) mais velha a pessoa que está há mais tempo da *scene*, e não a mais velha em anos de vida (Bailey, 2013).

Com base nas respostas das pessoas participantes, é possível confirmar aquilo que foi dito por Klitgård (2019), que as *houses*, apesar de em certos aspectos reproduzirem a estrutura das famílias de origem, o fazem de forma mais flexível e criam um espaço em que os papéis de liderança são atribuídos com base na senioridade e dedicação a *ballroom*, e não na idade.

Esta posição hierárquica, segundo as entrevistadas, também exige que *parent figures* façam coisas não só pela sua *house*, mas que permitam, também, retribuir à comunidade (Kubicek et al., 2013). Isto pode acontecer através da organização de eventos ou apoiando outros membros de *ballroom*.

Para além da hierarquia familiar, surgiu também ao longo das entrevistas a ideia de uma hierarquia de género, própria de *ballroom*, estando as *femme queens* – mulheres trans – no topo da pirâmide.

“Se tu estás na ball é porque tu sabes: you need to respect femme queens. Na hierarquia é assim, tens que respeitar mulheres trans em primeiro.” (Neo Coperni, membro integrante, 27 anos)

Tanto nas conversas abertas, como durante as entrevistas, foi mencionado que *ballroom* é um espelho invertido da sociedade e, por esse mesmo motivo, as pessoas que sofrem mais preconceito na sociedade – mulheres trans negras – são as que são mais respeitadas e celebradas em *ballroom*. Tal como foi dito na revisão de literatura (Lawrence, 2013), *ballroom* foi criado por Crystal LaBeija, uma *femme queen*, devido à discriminação racial que existia em bailes de *drag*, sendo este um espaço criado por elas e para elas, pelo que todas as outras pessoas acabam por ser convidadas naquele espaço, que é por natureza, para as *femme queens*.

3.2. Definições de família

Das sete pessoas entrevistadas, apenas uma fez referência a laços de sangue quando definiu família, apesar de não os assumir como o único fator constituinte de parentesco, acreditando também na existência de uma “família emocional”, formada pela conexão entre pessoas e pela partilha de experiências. Esta família pode surgir sobreposta à família biológica (quando existe uma ligação com alguém com quem partilha laços de sangue) ou à parte da família biológica (quando essa ligação surge com amigues, por exemplo, que vê como família).

“Primeiro, família para mim também são laços de sangue, porque acho que, obviamente, tem esse significado antes de mais. Porque é biologia e enfim temos todos laços de sangue com a nossa mãe, com o nosso pai, irmãos, avós etc. Mas acho que também existe a parte, para mim a mais importante, que é a parte emocional e a parte afetiva. E acho que é isso que define uma família. Aquela pessoa é minha tia, existe essa componente biológica, mas qual é a ligação que eu tenho com ela? Qual é a convivência que eu tenho com ela? E eu acho que poder partilhar experiências, convivências e intimidade, de certa forma, para mim isso também é família, criar laços familiares com alguém.” (All Sinner Versace, membro integrante, 25 anos)

Isto demonstra como, para este grupo de pessoas, a característica determinante de parentesco não são os laços de sangue, desafiando a assunção destes como o ponto de referência das relações familiares (Weston, 1997).

As definições de família surgem associadas a um local de apoio e acolhimento – “*people who are there for you*” (Weston, 1997, p. 113) –, bem como ao crescimento e desenvolvimento pessoal. E muitas das palavras que são utilizadas para descrever as *houses* são semelhantes às descrições de família: apoio, acolhimento, orientação, possibilidade de crescimento. No entanto, aqui acrescentam-se outros tópicos, que surgem do facto destas famílias serem escolhidas, espelhando-se muito mais a partilha de experiências e visões do mundo, e a referência a um lugar de pertença, algo que Bailey (2013) já tinha também verificado.

“Quando tu aceitas entrar numa *house*, estás a escolher essas pessoas como família, entendes? (...) Podes ter coisas que não gostes tanto que é como numa família, mas tu já tens que sentir ‘ok, este é o meu lugar’.” (Neo Coperni, membro integrante, 27 anos)

Quando June Coperni (membro integrante) menciona que percebeu a ligação com pessoas da *house* imediatamente “because we look at each other and *oh i see you*”, está a demonstrar a existência de um reconhecimento e entendimento quase natural do outro, que surge como parte importante da criação de proximidade e de uma ligação familiar. E isso surge também devido à descoberta de pessoas semelhantes, com quem é possível criar um sentimento de identificação e partilhar experiências, gostos, desejos...

“E vindo duma cidade pequena, onde somos que uns cinco ou seis homossexuais... Com quem é que eu me identifico? Com quem é que eu consigo partilhar uma coisa que eu gosto? Uma coisa que eu quero

fazer? Porque não há ninguém à minha volta que seja como eu. Ter encontrado, não necessariamente uma *house*, mas pessoas com quem futuramente e hoje em dia consegui criar uma *house*... são pessoas que também passaram por isso, conseguimos partilhar essa busca pela expressão de género, por sermos quem somos e encontrar um contexto onde podemos desenterrar algo que está um bocadinho dentro de nós e que não conseguimos se calhar em ambientes mais fechados ou em contextos mais reservados, explorar isso.” (All Sinner Versace, membro integrante, 25 anos)

As *houses* são indissociáveis dos *balls*, uma vez que participam e preparam membros para estas competições. Por esse motivo, alguns entrevistados chamam à atenção para a importância de as *houses* não se limitarem ao apoio em *ballroom*, afirmando que devem estar presentes em todas as fases na vida.

“Uma *house*, não é suposto apoiar só nos *balls* ou só na tua parte artística. A forma como eu fui introduzida a *ballroom* fez-me compreender que uma *house* é uma família e apoio a um nível completo, ou seja, se tu estás bem de saúde, como é que está tua saúde mental, como é que está a tua carreira, a tua escolaridade, os teus sonhos, a tua vida financeira, se tens casa, se não tens casa. Porque antigamente as *houses*, inclusive quando foram criadas, eram exatamente uma casa física também, para apoiar as pessoas que não eram aceites e, por isso não tinham um lugar para ficar.” (Alana, *mother*, 29 anos)

Segundo as pessoas entrevistadas, só essa presença holística permite que o apoio em competição tenha significado:

“A gente treina, mas a gente também está falando das nossas vidas pessoais e se apoiando. Independentemente do caminho de cada um. (...) Mas eu acho que o principal é esse lugar seguro e não é fácil porque existe pressão lá dentro. Você está numa *house*, tu também tem que sustentar estar nessa *house*, tu também vai brigas por essa *house*, tu vai gritar por essa *house* e tu tem que acreditar muito nas pessoas que estão ali junto com você. Eu acho que a *house* é isso, tu tem que acreditar muito, tanto quanto as pessoas que te escolhem têm que acreditar em ti. Tu tem que acreditar muito nas pessoas também, dentro da *ball* e fora, porque se não está fora, na hora vai ser muito supérfluo.” (Nicotyna Coperni, membro integrante, 26 anos)

O excerto de Nicotyna demonstra a ideia de Bailey (2011) de que nas *houses* é dada importância ao trabalho de criar e manter estas relações, que, ao contrário do que acontece nas famílias de origem, não são dadas por adquiridas, sendo necessário “sustentar” a presença na *house* e realmente criar um espaço de pertença e de apoio, mesmo fora do contexto de *ballroom*. Em alguns casos, sustentar a presença na *house* pode também significar manter a reputação da *house*, através das performances nos *balls*.

Todas as pessoas entrevistadas disseram considerar a *house* uma família, apesar de, em alguns casos, admitirem que nem todas as pessoas da *house* são vistas como família e que, tal como numa família de origem, existem pessoas com quem têm mais afinidade do que outras. Duas das pessoas entrevistadas referiram também ter como família escolhida pessoas de *ballroom* que não pertencem à mesma *house*, havendo nas entrevistas menções a mais que uma família escolhida.

“Sim, mesmo em contexto de *ballroom*, não só na *house*, há pessoas que considero família.” (All Sinner Versace, membro integrante, 25 anos)

Weston (1997) referiu que o que diferenciava uma relação familiar era a existência de demonstrações simbólicas de amor, uma história partilhada e apoio emocional e material, sendo o apoio material a principal distinção entre família e amizade. Desse modo, as pessoas entrevistadas foram questionadas sobre há quanto tempo conheciam as pessoas da sua *house* e se consideravam que o tempo influenciava a proximidade, e também a quem pediriam ajuda se tivessem um problema emocional ou financeiro.

Algumas das pessoas entrevistadas responderam que o tempo influencia a proximidade que têm com as pessoas da *house*, uma vez que quanto mais tempo passam juntas, mais experiências e memórias partilham, o que fortalece a ligação. No entanto, quatro das pessoas participantes afirmaram que o tempo não tem influência na proximidade, visto que há pessoas que conhecem há anos e com quem nunca viveram momentos importantes. Em ambos os casos, está presente a ideia de que a proximidade é influenciada pela existência de um passado partilhado, e que a ligação é fortalecida quanto mais momentos e experiências vivem em conjunto, e não tanto linearmente pelo tempo. Também Weston (1997) refere a importância de um passado partilhado para criar sentimentos de solidariedade duradoura, algo que viu ser comum a várias famílias escolhidas de pessoas LGBTI+. Mesmo es entrevistadas que consideram que o tempo tem influência, associam mais tempo a mais experiências conjuntas, o que pode nem sempre se verificar.

“Eu acho que o tempo é muito relativo, porque às vezes tu pode conhecer uma pessoa durante 10 anos, mas tu nunca passou tempo suficiente para conhecer essa pessoa de verdade. E tem pessoas ali dentro que o pouco tempo que a gente se conhece, que eu acho que é um ano e pouco, a gente conseguiu já se conhecer e viver muitas coisas e muitos momentos importantes para todo o mundo.” (Nicotyna Coperni, membro integrante, 26 anos)

Caso precisassem de ajuda com um problema emocional, quase todas es entrevistadas mencionaram que falariam com pessoas da *house*, apesar de haver referência a pessoas fora da *house*, e até fora do contexto de *ballroom*. Nestas situações, as pessoas mais citadas como fonte de apoio emocional dentro da *house* são irmãs/irmãos. Fora da *house*, foram mencionadas como fonte de apoio amizades mais próximas (dentro e fora de *ballroom*) e pessoas da família de origem (nomeadamente, a mãe).

Quando questionadas a quem pediriam ajuda caso tivessem problemas financeiros, cinco das sete pessoas entrevistadas disseram que pediriam (ou se sentiam à vontade para o fazer) a pessoas da *house*. Pessoas em papéis de liderança (por exemplo, *mothers* ou *fathers* de *houses*) mostram mais hesitação, dizendo que, devido ao seu papel, evitariam ao máximo pedir aos seus filhos. Dante Telfar menciona que em casos de necessidade financeira pediria ajuda a membros da *house*, mas de outro capítulo, o que demonstra que a inserção das *houses* em estruturas globais resulta numa internacionalização da solidariedade. Independentemente de pertencerem a capítulos diferentes, as pessoas da *house* vão ser apoiadas e acolhidas.

“Yeah, if there is a financial problem... I had most, because I'm a parent. Most people reach out to me if it's about the ticket or I remember we went to Porto a couple of months ago and I covered some expenses. So usually, the parental figure would cover that. But if I need something I would also go to the family. I wouldn't go to the kids in Portugal because they are of course younger and also struggling, but I'd probably go to the leaders in another chapter, like in the UK.” (Dante Telfar, father, 34 anos)

Também nas conversas abertas se falou neste tema. Uma pessoa que pertença a uma *house* no capítulo português, que vá a Paris, por exemplo, e precise de casa para ficar, será sempre acolhida pelo capítulo de Paris, porque pertencem à mesma *house*. Neste sentido, as *houses* funcionam de forma muito semelhante a uma família alargada, em que, caso precisem de ajuda, têm primos em vários países que os podem ajudar. O mesmo acontece com a pertença a *ballroom*, isto é, um 007 que vá a outro país, vai ser acolhido por pertencer à comunidade, mesmo sem fazer parte de nenhuma *house*.

Picasso, líder do capítulo português da *House of Louboutin*, mencionou que pediria a uma família escolhida, que existe fora da *house*. E All Sinner Versace, cuja *house* tem membros muito jovens e onde não existe *mother* ou *father*, referiu que em caso de necessidade financeira, recorreria ao apoio dos pais biológicos. Neste caso, o facto de os membros serem muito jovens faz com que não tenham estabilidade financeira para conseguir apoiar outros membros da *house*. Normalmente, esse papel ficaria então reservado para uma *parent figure* que, dentro da *house*, seria a pessoa com mais capacidades e responsabilidade de apoiar financeiramente os seus filhos.

“No meu contexto, nós somos pessoas novas na minha *house* aqui em Portugal. Não há uma pessoa assim, muito velha. Quando eu digo velha, é mais de 30 anos, somos todos muito novos no geral. Ou seja, enquanto na família biológica a minha mãe e o meu pai ajudam-me financeiramente. Entre nós, *house*, a parte económica, que acho que também é muito importante numa família, o apoio económico, não é tão intenso, porque lá está, cada um de nós está a construir a sua vida, está a ganhar a sua independência, então uma pessoa não consegue tanto a depender das suas possibilidades [financeiras] para ajudar alguém da *house*, como ajuda um pai, uma mãe, etc.” (All Sinner Versace, membro integrante, 25 anos)

Neo e Nicotina Coperni (membros integrantes) mencionam como na sua *house*, em que a maioria das pessoas trabalha por conta própria em áreas criativas e, portanto, recebem pagamentos mais irregulares, a *mother* adota um papel de cuidadora, garantindo sempre que têm acesso a necessidades básicas e alimentação. E acrescentam que esse apoio é retribuído naturalmente, mostrando-se como algo bidirecional, em que não só recebem cuidados da *parent figure*, mas onde também têm a oportunidade de cuidar umas das outras (Kubicek et al., 2013):

Nicotyna: E acontece às vezes de, não é nem por falta de organização, mas, como trabalhamos independente, às vezes tem situações que... Essa semana eles só vão nos pagar na sexta-feira ou segunda... E a *mother* é a pessoa que também vai aparecer lá em casa sempre com alguma coisa para comer.

Neo: Sempre muita comidinha.

Nicotyna: Vai falar “passa no mercado” e nunca vai cobrar nada disso. E a gente também faz isso de volta. Eu faço feijão, eu tô ligando pra minha irmã [da *house*], não sei se ela tá com grana ou não tá, mas eu tô ligando, avisando todo mundo que tem comida lá em casa, entendeu? É meio natural.

No que diz respeito às ajudas emocionais e materiais, as famílias de origem continuam, em alguns dos casos, a ser referidas como fontes de apoio, mantendo o papel que já tinham de resposta a necessidades (Drucker, 2009), mesmo que com menos intensidade, e mostrando que não existe uma ruptura total com a família de origem unicamente devido à pertença a uma família escolhida, o que corrobora as descobertas de Weston (1997), de que por vezes as duas famílias existem em simultâneo. É importante considerar que, nesta pesquisa, todas as pessoas entrevistadas referiram ter boas relações com a família de origem, o que pode justificar o facto desta família continuar a ter um papel relevante. Ainda assim, duas das pessoas entrevistadas mencionaram que a família de origem surge como uma referência de ação, uma forma de perceber a sua origem e que caminho querem ou não seguir. Outra das entrevistadas mencionou que, na família de origem, a dependência e autoridade se manifestam mais durante a juventude e vão desaparecendo à medida que as pessoas crescem. Estas ideias seguem também a linha de pensamento de Weston (1997) visto que as famílias de origem, apesar de ainda estarem presentes na vida adulta, têm um papel mais relevante até à maioridade.

A família de origem raramente é mencionada associada à expressão de género, apesar de existirem referências a “filtros” adotados, por exemplo, em temas de conversa, o que surge em oposição à *house*, onde se pressupõe mais compreensão. Há, no entanto, uma referência direta a dificuldades de aceitação inicial da família de origem relativamente à expressão de género:

“Por exemplo, o meu pai, para ele, no início fazia-lhe muita confusão se calhar uma roupa mais feminina, um comportamento mais feminino. Hoje em dia acho que ele percebe um bocadinho que as coisas mudam e se calhar ele percebe melhor. Mas obviamente que um amigo meu me empresta uma coisa para ir para um *ball*, com umas botas, com uma saia, com vestido, com uma peruca, com não sei quê... é a coisa mais normal do mundo. Que se calhar para um amigo de fora [de *ballroom*] ou para um pai, para a mãe, para quem for, não vão perceber da mesma forma. Podem aceitar, mas acho que a compreensão também nesses assuntos é muito diferente.” (All Sinner Versace, membro integrante, 25 anos)

Neste caso, a dificuldade em aceitar especificamente a feminilidade está de acordo com as descobertas de outros autores, que mencionam uma maior resistência, por parte das figuras paternas, à feminilidade nos filhos (Grave, Oliveira & Nogueira, 2019; Kane, 2006).

2 entrevistados (Dante Telfar e Picasso Louboutin) mencionam também que a família de origem aceita a sua orientação sexual, tendo Picasso acrescentado que no seu caso, a família de origem esteve, inclusive, presente em *balls*:

“Sou muito grato nesse sentido também, por ter uma família que me aceita enquanto homem homossexual e que inclusive já foram aos eventos [*balls*] e fizeram questão de estar lá a apoiar.” (Picasso Louboutin, líder de capítulo, 26 anos)

A boa relação com a família de origem talvez explique o motivo pelo qual as *houses* foram, por todas as pessoas entrevistadas, consideradas como complementos, e não substitutos à família de origem, o que está de acordo com a sugestão feita por Weston (1997), de ver famílias escolhidas não como substitutas, mas como sucessores cronológicos das famílias de origem que, segundo as pessoas participantes na pesquisa, apenas acrescentam ao conjunto familiar.

“Eu acho que, pra mim, é um pouco disso. Quando eu penso, a família fica maior. Não é só as pessoas que eu cresci quando era criança, é as pessoas com quem eu cresço agora também.” (Nicotyna Coperni, membro integrante, 26 anos)

Considerando que ambos os tipos de família são muito importantes para si e locais onde encontram amor e respeito, na *house* é dada importância ao facto de ser uma família que podem criar e onde podem crescer em conjunto (Weston, 1997) e partilhar sonhos.

“Então as ambições que eu tenho, sonhos que eu tenho, partilho com essas pessoas da *house*. A minha família da origem, eles não vão pegar na minha mão e dizer “então vamos conquistar o mundo”, não. Essas pessoas [da *house*] querem crescer contigo e te acompanhar, porque como temos mais ou menos a mesma idade na *house*, estamos a crescer juntos. Com os teus pais [biológicos], os teus pais já cresceram...” (Neo Coperni, membro integrante, 27 anos)

Porém, um das entrevistadas sugeriu que o facto de as *houses* não serem substitutas das famílias de origem pode estar relacionado com o contexto português, uma vez que outros países existem pessoas que pertencem à comunidade *ballroom* e que se encontram em situação de rua, sendo nesses casos a *house* um verdadeiro substituto da família de origem. Esta consideração é relevante porque chama à atenção para a necessidade de analisar a cena *ballroom* sem ignorar as especificidades dos contextos nacionais e regionais em que se insere (Chatzipapatheodoridis, 2017).

Também foi mencionado como relevante a possibilidade de serem membros mais ativos do que seria permitido numa família de origem, onde muita coisa é dada como garantida, e onde as pessoas entrevistadas consideram existir uma hierarquia e autoridade mais marcadas. Na *house*, todas as entrevistadas afirmam que, apesar da hierarquia e dos títulos de cada pessoa, existe mais igualdade e mais à-vontade para falar de vários assuntos, ao passo que nas famílias de origem existem muitos assuntos vistos como tabu.

A nível de apoio, é muito diferente porque há coisas que eu posso falar com eles, que não posso... Que não falo [com a família de origem]. Não é que não possa. É que não falo com a minha família [de origem] porque não sinto esse à-vontade e sinto que não são as pessoas certas com quem eu quero partilhar isto.” (Picasso Louboutin, líder de capítulo, 26 anos)

Segundo Portugal (2006), “as tensões, no interior da família, são, frequentemente, silenciadas, ou expressas através de não-ditos, gerando mal-estar.” (p.621). Podendo acontecer na família de origem, esta não parece ser a realidade das famílias escolhidas das pessoas participantes, que mencionaram várias vezes a importância de uma comunicação aberta. No caso específico das entrevistadas que fazem

parte da *House of Coperni*, surgiu como uma questão relevante o facto de solucionarem e discutirem conflitos em conjunto, enquanto *house*, mesmo quando o problema só existe entre dois membros, permitindo assim evitar confusões futuras e “deixar tudo em pratos limpos”.

Dante (*father*) mencionou que, na família de origem, sentia uma obrigatoriedade de se mostrar grato e de retribuir o que tinha sido feito por ele, o que confirma a existência de um estado de dívida para com o outro nas relações familiares de origem, que é motivado por uma lógica de dádiva e retribuição (Portugal, 2006). Embora refira que a ideia de retribuição também está presente numa *house*, neste caso a retribuição é feita através do sucesso pessoal nas competições, que permitirá manter o estatuto e mérito da *house*.

“In ballroom there is still this idea that you have to give back, but that usually comes with your personal wins (...). In ballroom it’s more like “I’m here to nurture you and take care of you and what I want back, is that the next ball you win, or that the next ball, you make a moment, you bring the credit, the merit of the house to a higher level. So, there is more that form of giving back through personal success.” (Dante Telfar, father, 34 anos)

O facto de as pessoas da *house* não se conhecerem desde sempre é referido por Alana (*mother*) como positivo, algo que permite um olhar novo e, portanto, um crescimento mais livre sem julgamentos, o que raramente acontece numa família de origem, que já tem vários pré-conceitos sobre ti e, portanto, te limita com base nessa comparação. Alana refere ainda que a importância da *house* surge pelo facto de ser uma escolha, ao passo que a família de origem é algo que nos é dado e sobre o qual não há grande poder de decisão, tal como concluiu Weston (1997).

“Mas eu acho que a *house* é algo muito especial, porque nós não temos nada que nos tenha que prender. Nós estamos juntas porque nos escolhemos umas às outras. E isso é muito especial.” (Alana, mother, 29 anos)

3.3. Manutenção de relações

Desenvolver e manter relações exige esforço consciente, e foi esta ideia que levou Bailey (2011) a definir o termo *kin labor*, que corresponde exatamente a esse trabalho de nutrir as relações de parentesco. A manutenção destas relações, uma vez que não são dadas à partida, depende de “um trabalho de investimento emocional e afectivo que exige tempo e disponibilidade” (Portugal, 2006, p. 520).

Segundo as entrevistadas, o contacto com as pessoas da *house* acontece quase diariamente, principalmente através de mensagens e redes sociais digitais. Mas, mesmo no que diz respeito a contacto pessoal, a maioria das entrevistadas refere uma periodicidade semanal, tendo alguns dito que estão com pessoas da *house* várias vezes por semana. O que parece ser mais importante para as pessoas entrevistadas são as coisas banais do quotidiano, como juntarem-se em casa umas das outras, fazerem refeições em conjunto – considerado frequentemente como um momento importante para criar proximidade (Bailey, 2013; Levin et al., 2020; Weston, 1997) – e fazer planos no exterior (treinar num parque, apanhar sol, ir à praia, ir às compras). Estar presente e incluir as pessoas no dia-a-dia é

considerado como algo que desenvolve a relação e as aproxima. Os treinos em conjunto também surgiram como momentos que alimentam a ligação entre membros da *house*, o que faz sentido se pensarmos que a *house* surge num contexto de competição e que a maioria das entrevistadas conheceu pessoas da *house* em treinos. No entanto, a maioria das atividades enunciadas pelas entrevistadas não tem qualquer relação com *ballroom*, mostrando que o papel da *house* se estende para lá dos limites da competição.

“Acho que é mesmo as atividades do dia a dia. Acho que simplesmente o facto de estarmos juntos para treinar, porque no fundo é onde as pessoas se conhecem mais e é onde muitas das relações começam, é em treinos. Mas às vezes o ir comer fora, ou agora no Verão ir à praia, às vezes sair para ir a algum sítio, ir às compras... acho que são mesmo atividades do dia a dia. Pouco a pouco vão fortalecendo esses laços.”
(All Sinner Versace, membro integrante, 25 anos)

Para além disso, três das pessoas entrevistadas também mencionaram a importância do apoio a nível profissional, seja através de encorajamento nos projetos individuais ou de envolver as pessoas nos seus projetos profissionais de forma a dar-lhes oportunidades de emprego. Picasso Louboutin (líder de capítulo) mencionou que está a desenvolver uma iniciativa de forma a criar oportunidades de emprego entre as pessoas da *house* a nível internacional.

“Agora também estou a fazer, junto com os líderes de Paris, um Google Slide com toda a gente de cada capítulo, Instagram, ocupações das pessoas, capacidades externas... Portanto, se alguém é um designer, cabeleireiro, o que for. Assim também é uma forma de se eu for, por exemplo, a Paris e preciso de alguém que me corte o cabelo e tenho alguém na casa que corta o cabelo, é uma forma também de dar trabalho à pessoa, pago como é óbvio, porque é esse o intuito, mas também criar ali esse momento de conexão e de apoio. Porque se ia pagar, vamos dizer 20 euros, a um estranho para me cortar o cabelo, porque não posso pagar 20 euros a alguém da minha casa, que vai fazer um trabalho tão bom ou melhor e também promover essa ligação? Isso é uma das coisas que estamos a desenvolver.” (Picasso Louboutin, líder de capítulo, 26 anos)

Não é incomum *houses* ajudarem membros em termos financeiros e fornecendo oportunidades de emprego (Chatzipapatheodoridis, 2017). Estas questões são importantes para criar a sensação de família, visto que, segundo Weston (1997), o apoio material é um fator relevante para distinguir entre relações de amizade e familiares.

Duas das pessoas entrevistadas mencionaram como essencial para a manutenção de relações estar presente para as pessoas da *house* em todos os momentos, bons e maus, sendo uma fonte de apoio quando é preciso, mesmo nas coisas mais simples.

“I think you have to be there for each other, for every small thing, you know? From a financial problem, to supporting someone when they have a special gig somewhere or if they need help with something. Of course there's a lot of partying as well, but I think it's still part of the bond, you know? What creates the family.” (Dante Telfar, father, 34 anos)

“A gente se encontra e todo final de semana a gente vai fazer um jantar. A gente se ajuda nos seus respetivos projetos pessoais. Alguém da nossa *house* está doente, não tem família aqui. A gente é a família aqui. Bora no médico junto. Está passando um B.O.¹⁶, precisa de ajuda em qualquer coisa. A gente está ali.” (Nicotyna Coperni, membro integrante, 26 anos)

Pertencer a uma família exige compromisso, e no caso específico de uma *house*, esta só existe “enquanto os membros fizerem o trabalho para a fortalecer” (Bailey, 2013, p. 122). Por esse motivo, é importante não desvalorizar a manutenção de relações, e todas as pessoas entrevistadas demonstram um esforço consciente nesse sentido, não assumindo estes laços como garantidos (Bailey, 2011, 2013; Weston, 1997).

As pessoas entrevistadas mencionaram desafios muito diferentes relativamente à pertença numa *house*. June Coperni, por exemplo, mencionou sentir dificuldade, não tanto em contexto de *house* mas associado à sua participação em *ballroom*, em aceder a feminilidade quando começou a treinar Vogue Femme.

“You know ballroom was created by the Femme Queens in the 1970s in New York because they needed to express femininity when everybody else was telling them that they're not feminine. So, the way we express femininity in ballroom is very queer-like. And it's beautiful. So in Vogue Femme, which is one of the categories that was later formed, it's very feminine. A queer, feminine way of being, you know? It's very feminine and at the time I was struggling to get into that, to really be feminine cause I thought I was pretty feminine. I thought '*I can't be more than this. This is the max I can get*'. And it really pushes you to really look at yourself and be free because right now I'm getting better at doing Vogue Femme. In my head, I don't even think about it anymore. (...) And I was struggling a lot in the beginning. To feel, to be, to access that feminine side.” (June Coperni, membro integrante, 20 anos)

Esta questão é importante porque chama à atenção para o facto de, ao contrário do que acontece na sociedade em geral, em *ballroom* existir uma maior valorização da feminilidade e das suas expressões, que permite, em muitos casos, a exploração de uma expressão de género mais livre, sem as expectativas impostas pela masculinidade hegemónica.

Para além disso, também foi mencionado como desafiante: garantir que toda a gente na *house* se esforça e comunica; manter a fasquia e a reputação da *house* – quando as representam nos *balls* e onde se espera que as honrem através da sua performance (Chatzipapatheodoridis, 2017); desafios associados à situação político-social portuguesa, nomeadamente as tentativas de dificultar a imigração, o que cria problemas, uma vez que muitas pessoas da comunidade *ballroom* são imigrantes; estar presente para as pessoas e conciliar tudo, a presença na *house* e a correria da vida quotidiana.

“Para mim, o desafio é que eu sinto que tu está numa *house*, tu tem que ser presente para as pessoas. (...) eu vejo uma *house* como uma coisa que realmente vocês me escolheram, eu escolhi vocês, e a gente está junto nessa grande loucura, tanto na *ball* quanto fora. Eu acho que o desafio disso às vezes é... como tudo

¹⁶ Sigla para Boletim de Ocorrência, utilizado na gíria brasileira para indicar um problema ou situação difícil.

na vida, conciliar tudo. A gente tem trabalhos diferentes. A gente está seguindo uma correria, mas eu acho que o maior desafio é conciliar tudo.” (Nicotyna Coperni, membro integrante, 26 anos)

No entanto, no que diz respeito a recompensas, as respostas demonstraram mais acordo entre as entrevistadas. O momento recompensador mais referido foi ver membros da *house* a ter sucesso nos *balls*, e o sentimento de orgulho que vem com conhecer o caminho e o progresso daquela pessoa.

“In the ball, our first ball, it was really thrilling how everybody was helping each other. Some people were checking out for the categories. Everybody was helping each other in the clothes. We were like ‘you got this!’. And for me personally, I really love seeing everybody, every single one of my siblings eat. Oh, it was so good. It was so fulfilling. I was like ‘Yes! This is what we practice for!’. I was really, really proud as well.” (June Coperni, membro integrante, 20 anos)

Também foi mencionado como recompensador o oposto, isto é, a sensação de apoio vinda dos membros da *house* durante um *ball*, o que mostra a ideia de que a competição é um local onde a família pode demonstrar o seu apoio (Kubicek et al., 2013). Num *ball*, isto é facilmente observável. Quando é anunciada a categoria e as pessoas se preparam para competir, são sempre acompanhadas por membros da *house*, que torcem pela pessoa que está a caminhar. Em *ballroom*, para torcer por uma pessoa é cantado o nome da *house* que a pessoa está a representar, porque ela se apresenta, no *ball*, como parte de uma família, de um conjunto. No caso de pessoas que não têm *house*, o canto é “*double-oh, double-oh*”, como referência a 007 – o nome geralmente dado a *free agents* na cena *ballroom*. Isto dá a sensação de um apoio físico, em que as pessoas realmente estão lá, estão presentes. Estes dois momentos mostram outra coisa que é vista como recompensadora: a ideia de sucesso como uma conquista de grupo e a ideia de que criaram algo em conjunto.

Outras coisas que foram mencionadas como recompensadoras foram a entreajuda, que mostra que a *house* surge como um espaço seguro; estarem juntas; quando a família de origem de um membro vai a um *ball* e percebe a importância daquele espaço; e a possibilidade de autodescoberta e exploração de identidade.

“No caso da *house*, sendo a família que eu escolhi, tem um papel muito importante. Se eu não tivesse a *house*, eu não teria tido um lugar onde eu podia experimentar comigo, experimentar o que sou, sem preconceito.” (Alana, mother, 29 anos)

A importância das *houses* está muito ligada, segundo as pessoas entrevistadas, à sensação de casa e pertencimento que cria nos membros, surgindo como um espaço seguro onde podem sempre voltar e um lugar onde podem crescer. As *houses* ajudam as pessoas a aceitar-se, ajudam com a confiança e as capacidades e permitem encontrar pessoas semelhantes, algo que está alinhado com as afirmações de Bailey (2013) “*ballroom houses offer a space for care, service, competition, and critique among people who share similar life experiences*” (p.116).

3.4. Expressão de género em diferentes contextos

3.4.1. Do quotidiano a *ballroom*

Todas as pessoas entrevistadas, à exceção de uma, referiram que a sua expressão de género quotidiana era um reflexo da sua identidade, apesar de admitirem adotar estratégias de adaptação da expressão de género a diferentes contextos, por segurança ou para se adequarem melhor ao local onde estão, o que está de acordo com a ideia de que jovens LGBTI+ representam diferentes papéis consoante as expectativas que lhes são impostas (Bailey, 2013), na linha de Goffman (1959).

“Se às vezes vou beber um copo com amigos, a minha primeira atitude - e isto é inerente já -, é uma postura socialmente masculina. Até eu perceber se naquele contexto posso ser um bocadinho mais um libertinista ou se tenho que me manter naqueles moldes, sou um camaleão. Vou-me adaptando consoante as circunstâncias.” (Picasso Louboutin, líder de capítulo, 26 anos)

Alana (mother) mencionou incerteza quanto à convergência da expressão e identidade de género, por considerar que ainda está num processo de autodescoberta e experimentação. Mas, tal como outras entrevistadas, também ela afirmou sentir-se alvo de expectativas sociais.

“Essa expectativa, como a maioria das pessoas me vê como uma figura muito feminina, também têm uma expectativa de que é isso que eu vá a ser, como é que eu vou falar, de como é que eu vou agir. E, às vezes, se eu em algum momento não corresponder com isso, as pessoas podem achar que eu é que estou estranha ou diferente naquele dia ou naquele momento, mas na verdade não, estou só a expressar um outro lado meu.” (Alana, mother, 29 anos)

Dois das entrevistadas acrescentam ainda como as assunções que as pessoas fazem são contraditórias com a sua personalidade:

“People just expect me to be gay or to be straight up flamboyant, which I'm not. I'm just generally not.”
(June Coperni, membro integrante, 20 anos)

No entanto, os *balls* são percebidos por todas as pessoas participantes como um local onde existe mais liberdade: liberdade criativa, que pode ser explorada na expressão de género ou no sentido literal de criar, uma vez que alguns membros desenham as suas próprias roupas; liberdade para explorar feminilidade e novas facetas da identidade; liberdade de expressão e de experimentação, e a possibilidade de desafiar binários de género; liberdade para fugir a uma postura normativa adotada no quotidiano, e liberdade para mostrar vulnerabilidades. Também a confiança foi mencionada como algo que surge ou que é fortalecida pela participação nos *balls*. Tanto nas conversas com entrevistadas como na conversa aberta, foi referido que essa confiança que é cultivada em *ballroom* ajuda a lidar com os vários tipos de discriminação, quando é transportada para a sociedade em geral. Estas ideias estão de acordo com Bailey (2013), que considera os *balls* locais onde se pode explorar a criatividade e que surgem como uma plataforma que permite a existência de performances de género que, normalmente, não são aceites na sociedade exterior.

Neste contexto, as maiores restrições e expectativas relativas à expressão de género surgem sempre ligadas a determinadas categorias (Bailey, 2013), que ainda são muito associadas a uma expressão de género específica. E uma vez que os *balls* são competições, para ganhar uma categoria é necessário cumprir os requisitos definidos, o que implica a correspondência com certas expectativas de género. Dante (*father*) acrescenta que estas restrições existem, possivelmente, para que seja mais fácil avaliar a performance.

“Yes, the categories are very gendered. And there's a lot of efforts to try to challenge that, to introduce non-binary categories and all that. Because at the end of the day, it's a competition, a ball is a competition. So, the moment you blur the lines of what is what, it becomes also more difficult to judge.” (Dante Telfar, father, 34 anos)

Realness é um exemplo disso mesmo, por se tratar de uma categoria que exige possibilidade binária, é necessário que as pessoas que caminham esta categoria adotem expressões de género normativas, de maneira a convencer o júri da credibilidade da sua performance de género (Bailey, 2011). Através desta categoria, “a cultura *ballroom* cria um espaço para exercitar a prática camaleónica de *se enquadrar*” (Klitgård, 2019, p. 124).

Também *all-american runway* é um exemplo disso, exigindo uma expressão de masculinidade mais tradicional. Pessoas que caminham esta categoria apresentam-se como modelos masculinos se apresentariam num desfile de moda, mostrando mais seriedade, confiança e disciplina.

No entanto, segundo as pessoas entrevistadas, estas expectativas associadas aos *balls* não se transmitem para a *house*, apesar de em alguns casos haver momentos de aconselhamento quando a *house* prepara os membros para a competição e precisa de garantir que caminham de acordo com as categorias.

Nicotyna Coperni (membro integrante, 26 anos): Existem espaços que não precisam ser binários dentro da *ball*, mas existe o que é feminino e o que é masculino. Você como uma *female figure*, você tem que andar de salto e acabou. Não há conversa, mas dentro da *house*...

Neo Coperni (membro integrante, 27 anos): Mas dentro da *house*, nós entre nós, não vais julgar se ela anda de sapato porque ela quer andar em *female figure*. Faz o que tu quiseres.

Nicotyna Coperni (membro integrante, 26 anos): Eu acho que o pessoal vai meio que aconselhar como é que funciona algumas coisas dentro da *ball* e de boa, mas se tu vai andar *non-binary face*, não anda com a barba, sabe?

Quando não está inserida no contexto de competição, a *house*, segundo as pessoas entrevistadas, incentiva à experimentação e exploração, tanto de novas categorias como de novas performances de género, e permite uma expressão de género mais livre que o *ball*, por não haver necessidade de responder às categorias.

“Even me that I'm all American and I'm supposed to be more masculine. I practice with a skirt and high boots. It's whatever. You just do what you gotta do in your category.” (June Coperni, membro integrante, 20 anos)

3.4.2. Influência da *house* na expressão de género

Nesta secção, as respostas estão divididas entre *kids* e pessoas em papéis de liderança (*mothers, fathers, líderes de capítulo*), uma vez que às segundas foi questionado de que forma influenciavam membros da sua *house*, por serem entendidas como figuras de autoridade dentro dessa estrutura familiar, mas também como eram influenciadas.

Es filhos mencionam que a influência da *house* surge principalmente por verem membros da *house* a serem confiantes e a fazerem coisas diferentes, o que cria uma espécie de “confiança por proximidade”. Isto é, sentem-se mais capazes e motivadas a tentar fazer algo novo porque veem outras pessoas a fazê-lo e a ser bem-sucedidas. Além disso, o facto de sentirem que estão num espaço seguro e livre de julgamento, onde sabem que vão ser apoiadas, também cria o à-vontade para se expressarem sem limitações, o que confirma conclusões de estudos anteriores (Kubicek et al., 2013).

No que diz respeito às pessoas em posições de liderança, todos afirmaram não ter uma influência direta, mostrando apenas todas as possibilidades, criando um espaço seguro e de comunicação aberta e incentivando a auto compreensão. Estas ideias estão de acordo com as descrições dadas por filhos de *houses*, que consideram importante esse espaço existir para se conseguirem expressar de maneira mais livre. A única intervenção referida a nível da expressão de género foi relativamente à preparação para participação nos *balls*, garantindo sempre que as escolhas estavam dentro do tema e que causavam o impacto desejado.

“I think I influence them by just giving them the layout of the cards and let them choose how they want to express themselves. Of course, there is still an element of doing it good, so the moment you want to play with different aspects of your expressions, it still has to look put together, because you're representing something that's bigger than you. I feel like there is this freedom of just experimenting, but experimenting consciously, and to make sure that, as I said, feels authentic to you and that it looks good.” (Dante Telfar, father, 34 anos)

Quanto à forma como são influenciadas por membros da *house*, as pessoas em papéis de liderança mencionam principalmente que os *kids* são uma fonte de inspiração e que, por se expressarem de uma maneira mais livre, incentivam a arriscar, a explorar criatividade e a tentar coisas fora da sua zona de conforto.

“Eu vejo que eles têm realmente uma liberdade no dia a dia, se calhar muito diferente do espectro que eu vivo no meu dia a dia. E, então, isso leva-me a ok, em *ballroom* que categorias é que eu posso, se calhar, elevar a fasquia ou ser mais extravagante, sem ser completamente contraditório com quem eu sou, mas mais uma faceta que eu posso assumir, por exemplo?” (Picasso Louboutin, líder de capítulo, 26 anos)

Alana (*mother*) também mencionou que membros da *house* abriram a possibilidade de um espaço onde é possível questionar e falar abertamente sobre género, surgindo aqui a ideia de que a criação da *house* como um espaço seguro é importante não apenas para os *kids*, mas também para as pessoas em papéis de liderança, que simultaneamente acolhem e são acolhidas.

Conclusões

Esta pesquisa permitiu compreender melhor as estruturas das *houses* em Portugal, que surgem, maioritariamente, como expansão de estruturas globais complexas, semelhantes a famílias alargadas. Existe um sistema de títulos que define as responsabilidades de cada pessoa dentro de uma *house*, mas, em Portugal, *mothers* e/ou *fathers* são muitas vezes as únicas pessoas com títulos numa *house*, o que leva à acumulação de responsabilidades, desde treinar os seus filhos a garantir o seu bem-estar a vários níveis. A hierarquia nas *houses*, ao contrário do que acontece numa família de origem, não é baseada na idade e sim na experiência e conhecimento que a pessoa tem dentro de *ballroom*, sendo comum que *mothers* sejam mais novas que os *kids*. Segundo as pessoas entrevistadas, essa hierarquia raramente precisa de ser imposta, uma vez que o respeito pelas *parent figures* é motivado por admiração, por serem reconhecidas como referências na comunidade, que estão naquele meio há muito tempo e que têm as competências necessárias para liderar uma *house* e transmitir conhecimento. Para além da hierarquia familiar, surge também a ideia de uma hierarquia de género, que funciona como um espelho invertido da sociedade, em que *femme queens* – mulheres trans –, e especialmente *femme queens* negras, estão no topo da pirâmide, por serem as pessoas mais desprivilegiadas na sociedade exterior.

As entrevistas com membros de *houses* demonstram definições mais abrangentes do conceito de família, em que os laços de sangue não são vistos, pelas pessoas participantes, como característica determinante de parentesco. Não se limitando ao parentesco biológico e legal, as entrevistadas definem famílias como sendo um local de apoio e acolhimento. As *houses*, para além disso, são vistas ainda como lugares seguros e de pertença, onde membros partilham experiências e vivências semelhantes, o que permite uma compreensão mais profunda. Apesar de não poderem ser dissociadas dos *balls* e da competição em que se inserem, o papel das *houses* estende-se para lá dos limites de *ballroom*, estando presente e oferecendo apoio em todas as fases da vida, garantindo o bem-estar físico e emocional dos membros.

Para criar relações familiares mostra-se relevante a existência de um passado partilhado, que não é necessariamente influenciado pelo tempo durante o qual mantêm contacto e sim pelas experiências e momentos que partilham, mas também de apoio, quer a nível emocional como material (Weston, 1997). No caso de *parent figures*, existe mais hesitação em pedir apoio financeiro por serem pessoas que têm, tipicamente, essa responsabilidade dentro da *house*, tendo sido referida a possibilidade de pedir a membros da *house* outros capítulos, onde existe mais financiamento. Apesar de replicarem muitas das funções e estruturas das famílias de origem, as *houses* são entendidas como complementos e não substitutos a essas famílias, que, em alguns casos, continuam a ter um papel relevante de apoio, tanto emocional como material.

Existe dentro destas famílias escolhidas, que não são dadas por adquiridas, um esforço consciente para manter e nutrir as relações, refletindo o conceito de *kin labor* (Bailey, 2011). Este trabalho de manutenção de relações acontece, principalmente, através de contacto diário e da realização de

atividades do quotidiano em conjunto, sendo que o mais importante é estarem presentes e não necessariamente aquilo que fazem quando estão juntas. As ideias de presença e de cuidado são especialmente relevantes, tendo sido mencionados como algo que permite a criação de laços familiares – a preocupação de estar lá para o outro, e apoiar nos pequenos e nos grandes momentos. Como forma de nutrir estas relações é também dada importância ao apoio profissional, através de encorajamento e da criação de oportunidades de emprego para pessoas da *house*, tanto a nível nacional como internacional.

A expressão de género quotidiana, apesar de refletir as identidades das entrevistadas, é frequentemente afetada por expectativas sociais, que exigem a adaptação da maneira como se expressam consoante o contexto em que se encontram (Bailey, 2013; Goffman, 1959), sendo esta negociação quase natural. *Ballroom*, por outro lado, é mencionado como um lugar com mais liberdade para ser e para explorar questões de género – seja relativamente à expressão ou à identidade. Ainda assim, a liberdade nos *balls* é, por vezes, limitada por certas categorias, que exigem expressões de género específicas, como é o caso de *realness* e *all american runway*. Ainda assim, estas limitações não parecem transpor-se para as *houses*, que são mencionadas como um espaço seguro, livre de julgamento, onde a experimentação e exploração livres são incentivadas. Assim, a influência das *houses* na expressão de género não é direta, mas existe através da criação de um espaço seguro, tanto para *kids* como para pessoas em posições de liderança, onde sentem que têm liberdade para se expressar e arriscar mais.

É importante, no entanto, considerar as limitações deste estudo, uma vez que não foi entrevistada nenhuma *femme queen* (o centro da comunidade *ballroom*). Exatamente por serem pessoas com menos privilégios na sociedade é que *femme queens* têm um papel tão central em *ballroom*, e os seus relatos seriam muito valiosos para entender a importância das *houses* na vida das pessoas e, mais especificamente, na expressão de género.

No que diz respeito ao estudo da comunidade *ballroom*, este ainda está a dar os primeiros passos em Portugal, mas muitos membros de *ballroom* têm demonstrado preocupação em documentar a sua existência em território nacional¹⁷, e acompanhar e apoiar a realização desse tipo de trabalhos é essencial para entender *ballroom*, especialmente quando surge pelo olhar de quem pertence à comunidade.

Durante as entrevistas foram mencionadas também outras famílias escolhidas para além da *house*, demonstrando que estas redes de apoio não são exclusivas de um único grupo, de uma única família. Uma vez que a *house* tem uma estrutura definida, seria interessante estudar e entender como funcionam outros tipos de famílias escolhidas, na qual a estrutura não existe à partida, ou onde a estrutura pode ser diferente. Durante muito tempo foram estudadas as famílias biológicas e legais e as suas diferentes configurações, e parece-me que chegou agora o momento de fazer esse trabalho com as famílias escolhidas.

¹⁷ El Bango realizou o documentário *Ballroom Seen*, que o OU.kupa refere como “um projeto em construção de arquivo vivo.” <https://www.instagram.com/ou.kupa/reel/DL0C7yOj5Kv/>

Referências Bibliográficas

- Aboim, S., Vasconcelos, P., & Costa, C. G. (2013). Para além da heteronormatividade: repensando os significados da família. Em *Famílias no plural: alargar o conceito, largar o preconceito. Atas da Conferências* (pp. 99–109). ILGA Portugal.
- Bailey, M. M. (2009). Performance as intravention: Ballroom culture and the politics of hiv/aids in detroit. *Souls, 11*(3), 253–274. <https://doi.org/10.1080/10999940903088226>
- Bailey, M. M. (2011). Gender/racial realness: Theorizing the gender system in Ballroom culture. *Feminist Studies, 37*(2), 365–386. <https://doi.org/10.1353/fem.2011.0016>
- Bailey, M. M. (2013). *Butch Queens Up in Pumps*. University of Michigan Press.
- Battle, J., & Ashley, C. (2008). Intersectionality, Heteronormativity, and Black Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender (LGBT) Families. *Black Women, Gender + Families, 2*(1), 1–24. <https://doi.org/10.5406/blacwomegendfami.2.1.0001>
- Bento, B. (2012). As famílias que habitam «a família». *Sociedade e Cultura, 15*(2), 275–283. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70325252004>
- Bonea, A. (2022). *Dances of resistance in Portugal, on and off the margins* [Mestrado]. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Bryman, A., & Bell, E. (2019). *Social research methods* (5.ª ed.). Oxford University Press.
- Burgess, R. G. (1997). *A Pesquisa de Terreno: Uma Introdução*. Celta Editora.
- Butler, J. (2003). O parentesco é sempre tido como heterossexual? (V. A. da Ponte, Trad.). *cadernos pagu, 21*, 219–260.
- Butler, J. (2023). *Corpos que Contam. Os Limites Discursivos do «Sexo»* (1.ª ed.). Orfeu Negro.
- Butler, J. (2024). *A Pretensão de Antígona. O Parentesco entre a Vida e a Morte* (1.ª ed.). Orfeu Negro.
- Capous-Desyllas, M., & Johnson-Rhodes, M. (2018). Collecting visual voices: Understanding identity, community, and the meaning of participation within gay rodeos. *Sexualities, 21*(3), 446–475. <https://doi.org/10.1177/1363460716679801>
- Carsten, J. (2000). Introduction: cultures of relatedness. Em *Cultures of Relatedness: New Approaches to the Study of Kinship*. Cambridge University Press.
- Chatzipapatheodoridis, C. (2017). Strike a Pose, Forever: The Legacy of Vogue and its Re-contextualization in Contemporary Camp Performances. *European journal of American studies, 11*(3). <https://doi.org/10.4000/ejas.11771>
- Del Valle, T. (1993). Introduction. Em T. Del Valle (Ed.), *Gendered Anthropology* (pp. 1–16). Routledge.
- Drucker, P. (2009). Changing families and communities: An LGBT contribution to an alternative development path. *Development in Practice, 19*(7), 825–836. <https://doi.org/10.1080/09614520903122212>
- Ehrensaft, D. (2012). From gender identity disorder to gender identity creativity: True gender self child therapy. *Journal of Homosexuality, 59*(3), 337–356. <https://doi.org/10.1080/00918369.2012.653303>
- Fernandes, F. V. (2022, Agosto 3). *Kiki House of Musa*. PARQ. <https://parqmag.com/wp/kiki-house-of-musa/>
- Gato, J. (2022). Discriminação contra Pessoas LGBTI+: Uma Revisão de Literatura Nacional e Internacional. Em *Estudo nacional sobre necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais* (pp. 9–45).

- Goffman, E. (1959). *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Relógio D'Água.
- Grave, R., de Oliveira, J. M., & Nogueira, C. (2019). Gender disidentifications: Subversive performances. *Ex Aequo*, 40, 89–104. <https://doi.org/10.22355/EXAEQUO.2019.40.06>
- Kane, E. W. (2006). «No way my boys are going to be like that!»: Parents' responses to children's gender nonconformity. *Gender and Society*, 20(2), 149–176. <https://doi.org/10.1177/0891243205284276>
- Klitgård, M. (2019). Family Time Gone Awry: Vogue Houses and Queer Repro-Generationality at the Intersection(s) of Race and Sexuality. *Debate Feminista*, 57, 108–133. <https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.2019.57.07>
- Kubicek, K., McNeeley, M., Holloway, I. W., Weiss, G., & Kipke, M. D. (2013). «It's like our own little world»: Resilience as a factor in participating in the ballroom community subculture. *AIDS and Behavior*, 17(4), 1524–1539. <https://doi.org/10.1007/s10461-012-0205-2>
- Kuvalanka, K. A., Weiner, J. L., & Mahan, D. (2014). Child, Family, and Community Transformations: Findings from Interviews with Mothers of Transgender Girls. *Journal of GLBT Family Studies*, 10(4), 354–379. <https://doi.org/10.1080/1550428X.2013.834529>
- Lawrence, T. (2013). «Listen, and you will hear all the Houses that walked there before»: A history of drag balls, houses and the culture of voguing. Em *Voguing and the House Ballroom Scene of New York City 1989-92* (pp. 3–10). Soul Jazz Books. <https://www.timlawrence.info/articles2/2013/7/16/listen-and-you-will-hear-all-the-houses-that-walked-there-before-a-history-of-drag-balls-houses-and-the-culture-of-voguing>
- Levin, N. J., Kattari, S. K., Piellusch, E. K., & Watson, E. (2020). “We Just Take Care of Each Other”: Navigating ‘Chosen Family’ in the Context of Health, Illness, and the Mutual Provision of Care amongst Queer and Transgender Young Adults. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(19), 1–20. <https://doi.org/10.3390/ijerph17197346>
- Lima, A. P. de, & Moz, M. (2013). Pais, mães e filhos: construir famílias na pluralidade. Em ILGA Portugal (Ed.), *Famílias no plural: alargar o conceito, largar o preconceito - atas da Conferência* (pp. 37–49).
- Malpas, J. (2011). Between Pink and Blue: A Multi-Dimensional Family Approach to Gender Nonconforming Children and their Families. Em *Fam Proc* (Vol. 50). www.FamilyProcess.org
- Maroy, C. (1997). A análise qualitativa de entrevistas. Em G. Valente (Ed.), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva. www.gradiva.pt
- McConnell, E. A., Birkett, M., & Mustanski, B. (2016). Families Matter: Social Support and Mental Health Trajectories Among Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth. *Journal of Adolescent Health*, 59(6), 674–680. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.07.026>
- Merlini, S. (2020). *Género e Transgressão: Des/fazendo o masculino e o feminino em Portugal e no Reino Unido*. ICS Imprensa de Ciências Sociais.
- Olson, K. R., Durwood, L., Demeules, M., & McLaughlin, K. A. (2016). Mental health of transgender children who are supported in their identities. *Pediatrics*, 137(3). <https://doi.org/10.1542/peds.2015-3223>
- Portugal, S. (2006). *Novas Famílias, Modos Antigos. As redes sociais na produção de bem-estar* [Doutoramento]. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. Van. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (G. Valente, Ed.; 4.^a ed.). Gradiva.

- Rahilly, E. P. (2015). The Gender Binary Meets the Gender-Variant Child: Parents' Negotiations with Childhood Gender Variance. *Gender and Society*, 29(3), 338–361. <https://doi.org/10.1177/0891243214563069>
- Roseneil, S. (2006). Viver e amar para lá da heteronorma: Uma análise queer das relações pessoais no século XXI (J. P. Moreira, Trad.). *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 76, 33–51.
- Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. Em G. Valente (Ed.), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais* (pp. 84–116). Gradiva.
- Saleiro, S. P. (2017). Diversidade de género na infância e na educação: contributos para uma escola sensível ao (trans)género. *ex aequo - Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, 36, 149–165. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.09>
- Saleiro, S. P. (2020). Famílias de crianças com identidades e expressões de género não normativas: Desafios e respostas no século XXI. Em *Famílias, Identidades y Cambio Social en España e Portugal. Siglos XIX-XXI. Perspectivas Comparadas Europeas* (pp. 263–282). Thomson Reuters Aranzadi.
- Saleiro, S. P. (2022). Discriminação em função da Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Género e Características Sexuais e Necessidades das Pessoas LGBTI+. Em S. P. Saleiro, N. Ramalho, M. S. de Menezes, & J. Gato (Eds.), *Estudo necessidades pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais* (pp. 47–163). CIG - Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Silva, C. (2019, Dezembro 14). *Madonna já cá estava. Só faltava chegar o voguing*. Time Out. <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/madonna-ja-ca-estava-so-faltava-chegar-o-voguing-121419>
- West, C., & Zimmerman, D. H. (1987). Doing Gender. *Source: Gender and Society*, 1(2), 125–151. <http://www.jstor.org/stable/189945>. Accessed:08/08/201311:49<http://www.jstor.org/page/info/about/policies/terms.jsp><http://www.jstor.org>
- Weston, K. (1997). *Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship*. Columbia University Press.
- Wharton, A. S. (2005). *The Sociology of Gender: An Introduction to Theory and Research*. Blackwell Publishing.

Anexos

Anexo A - Guião de Entrevista

Caracterização sociodemográfica

- Idade
- Nacionalidade
- Residência atual
 - Caso residência seja diferente do país de origem: há quanto tempo foi a mudança?
- Autoidentificação de género
- Orientação sexual
- Auto-tratamento linguístico (masculino/feminino/neutro)

Família Escolhida / *House*

- Com quem vives?
- O que é, para ti, uma família?
- O que é que a *house* significa para ti?
- Consideras que as pessoas da tua *house* são família? Se sim, porquê?
 - Há quanto tempo se conhecem? Achas que isso tem influência na vossa proximidade?
 - Como e onde se conheceram?
 - Com que frequência estás ou falas com as pessoas da tua *house*?
 - Vivem juntos? Se sim, há quanto tempo?
 - O que é que vos une? Que valores partilham?
 - Se tivesses um problema emocional, a quem pedias ajuda? E se fosse um problema financeiro?
- Quando é que a *house* foi criada? E porquê?
- O que fazem para nutrir os laços entre os membros?
- Existe uma estrutura familiar? Se sim, como se organiza?
 - É mais ou menos livre?
 - O que indicam os papéis definidos? (pai, mãe, madrinha...) Quais são as responsabilidades associadas?
 - O género influencia os papéis desempenhados pelas pessoas da *house*?
- Como é pensado o género dentro da *house*?
- Que desafios é que encontrais dentro da *house*? E que recompensas?
- Qual é a importância desta família para ti?
- E o que diferencia esta família da tua família de origem?

- O que distingue a relação entre os membros da família nos dois casos?
- Qual o papel das duas famílias na tua vida?
- Consideras que esta família substitui ou complementa a tua família de origem?

Género

- Como te identificas quanto ao género?
- De que forma é que a tua expressão de género no dia-a-dia converge ou diverge da tua identidade? E porquê?
- Como te identificas quanto à orientação sexual?
 - Achas que a orientação sexual influencia a expressão de género? Se sim, de que forma?
- Como é que achas que os outros veem a tua expressão de género? Esperam que te expresses de uma forma específica?
- Qual é o papel da *house* na tua expressão de género?
 - Existe uma pessoa dentro da *house* que se destaca/que tem um papel mais relevante?
- Dentro da *house* existe uma expressão de género dominante? Se sim, qual?
- E consideras que na *house* há a expectativa de que te expresses de uma forma específica?
- Qual é o papel dos bailes/*balls* na maneira como te expressas?
 - Dão-te mais liberdade ou restringem?
 - De que forma é que a tua expressão de género nos bailes/*balls* converge ou diverge da tua expressão de género do dia-a-dia?
 - De que forma é que a tua expressão de género nos bailes/*balls* converge ou diverge da tua identidade?

Para pais/mães de *houses*:

- Achas que acabas por influenciar, enquanto pai/mãe, os membros da tua *house*? Em que aspetos? E especificamente na sua expressão de género?
- E de que modo é que os membros da tua *house* te influenciam? E especificamente na questão da expressão de género?

Anexo B – Exemplo de Notas Etnográficas “Vogue Down 2nd Edition”

Data: 17/10/2024

Local: Drama Bar

Evento: Vogue Down 2nd Edition – Tema: American Horror Story

Hora de início da observação: 18:30

Hora de final da observação: 22:30

Descrição física do espaço: Cave do bar, aspetto de garagem, duas filas de cadeiras viradas de frente uma para a outra formam um corredor. Ao fundo, sofá onde estão os júris. Cadeiras são apenas para pessoas de *ballroom*. Público fica de pé, nas laterais da sala, atrás das filas de cadeiras.

Hora de início anunciada: 18:30. Bar só abre as 19h. Algumas pessoas vão chegando entre 18:30-19h mas ficam cá fora. 19:16 – ainda não começou, algumas pessoas estão fora do bar à espera. Aviso de início em 10 minutos às 20:20.

LSS (Legends, Statements and Stars) – No início da noite, antes de se iniciar a competição, foram chamados nomes de várias pessoas de *ballroom*. Sempre que eram chamadas apresentavam-se no corredor central para caminhar e serem reconhecidas. Depois deste momento, chamaram os júris, que entram na sala apresentando-se da mesma forma.

Categorias apresentadas

1. Tag Team Realness – **2 equipas**, 1 delas chopped porque não tinham referência para o outfit
2. Baby Old Way – **3 participantes**
3. OTA (Open to All) FACE – **1 participante**
4. OTA Old Way – **2 participantes**
5. All American Runway – **3 participantes**, mas 1 chop, sem referência
6. Baby Vogue Femme – **2 participantes**
7. Hands performance – **2 participantes**
8. Beginners’ runway – **2 participantes**
9. Fashion Killah – **0 participantes**
10. OTA BODY – **4 participantes**, mas 1 chop, sem referência
11. Male Figure (MF) EU Runway with a wig – **1 participante**
12. Female Figure (FF) EU Runway with a wig – **1 participante**

(estas duas categorias batalharam entre si, porque só tinham 1 participante cada)

13. BQ (Butch Queen) Vogue Fem – **2 participantes**
14. FF Performance – **1 participante**
15. Best Outfit of the Night (aberto ao público, adicionada no momento) – **4 participantes**

Cerca de **30 participantes**

Quando uma pessoa estava a desfilar/caminhar, as outras (participantes e público) cantavam geralmente o nome da *house* do participante e batiam palmas. As diferentes *houses* não pareciam ser um fator de rivalidade. Foi mencionado pelos júris e pelos organizadores que este tipo de motivação (cantar, bater palmas) era muito importante para quem estava a fazer as performances e pedido que as pessoas continuassem a fazê-lo para motivar quem está a caminhar.

Quando mais ninguém se apresentava para caminhar numa das categorias, os membros que se tinham apresentado competiam entre si, sempre numa lógica de 1 contra 1, até chegar ao vencedor final (*grand prize*). O prémio é um pequeno troféu - pessoas competem maioritariamente por honra. Durante a competição 1 contra 1 (battle) havia algum *shade* entre os dois participantes, mas parecia apenas encenado. No final, vencedor e vencido cumprimentavam-se sempre amigavelmente (com um abraço, normalmente).

Na categoria *outfit of the night* foi indicado aos participantes que precisavam de “*sell it to the judges*”. Sendo os júris quem decide os vencedores de cada categoria as interações eram principalmente deste estilo, numa tentativa de os convencer que mereciam ganhar a categoria.

Observadores e participantes reagiam de formas muito semelhantes às performances: aplausos, estalos de dedos e cantos de motivação (normalmente com o nome da *house*). Quando um dos participantes fazia algo mais ousado (floor dives, p.ex.) geralmente ouviam-se também gritos de entusiasmo. Um dos casos em que se viu mais isto foi quando um membro mais novo de ballroom tirou o chapéu a outro participante durante a competição 1 contra 1.

Do local onde estava foi difícil ver as reações dos júris. Quando decidiam os vencedores, cada um dos júris apontava para o seu favorito. Sendo 3 júris nunca se punha a questão de um possível empate.

Cerca de **50 espectadores**, nas casas dos 20-30 anos. Alguns também seguiam o tema da noite (American Horror Story), outros vestiam roupa do dia a dia.

Anexo C – Exemplo de Notas Etnográficas Conversa Aberta

Conversa Aberta OU.kupa + House of Telfar

“Ballroom, História e Trajetória em Território Europeu”

Data: 23/11/2024

Local: Estúdios Victor Cordon

Voguing associado a waacking durante muito tempo □ desípido do contexto de ballroom

Ballroom “oficialmente” começa em Portugal em 2019

- Tentativas em anos anteriores
- Tentativa de ter ballroom em Portugal 15 anos antes de começar (?)

Black people needed for ballroom to exist – they are the foundations of the scene

Piny considera que o ponto de viragem que permitiu ter ballroom em Portugal foi a eleição de Bolsonaro no Brasil. Eleição de Bolsonaro □ pessoas negras/queer mudam-se para Portugal □ surge uma black queer scene que não existia antes e que incentiva outras pessoas a assumir a queerness

Ballroom = + confiança

Parte política muito importante em ballroom □ são pessoas socialmente desprivilegiadas que estão a ser celebradas

Não havia scene □ preciso trazer pessoas de fora para ensinar

Lisbon Vogue Sessions – espaço de treinos

Espaço para celebrar pessoas trans negras, especialmente femme queens – criaram ballroom

Flawless diz que o father lhe pedia para fazer pesquisa sobre história de ballroom e apresentar powerpoints sobre o assunto antes de começar a treinar □ importância da história para pertencer à comunidade

Organizar balls exige dinheiro – raramente há apoio – organizadores dão o seu próprio dinheiro como “entrada” até haver compra de bilhetes

Hierarquia baseada em experiência – não idade

Competição por troféu (não dinheiro) honra/reconhecimento na comunidade

Necessidade de identificação para pertencer às houses identidade/conexão

Kiki scene – mais fun

Major scene – you can't go wrong